

MENSAL
ABRIL/91

ANO XVI

PREÇO: 50\$00

A COMARCA

2
II SÉRIE

FUNDADOR: MARÇAL M. PIRES TEIXEIRA • DIRECTOR: HENRIQUE PIRES TEIXEIRA • DIRECTOR-ADJUNTO: VALDEMAR ALVES

25 de Abril de 1974

FIM DE UM REGIME

A verdadeira história está por contar

Em Abril

3
Data provável
da crucificação
de Cristo

7
Dia Mundial
da Saúde

17
Dia Mundial
dos Hemofílicos

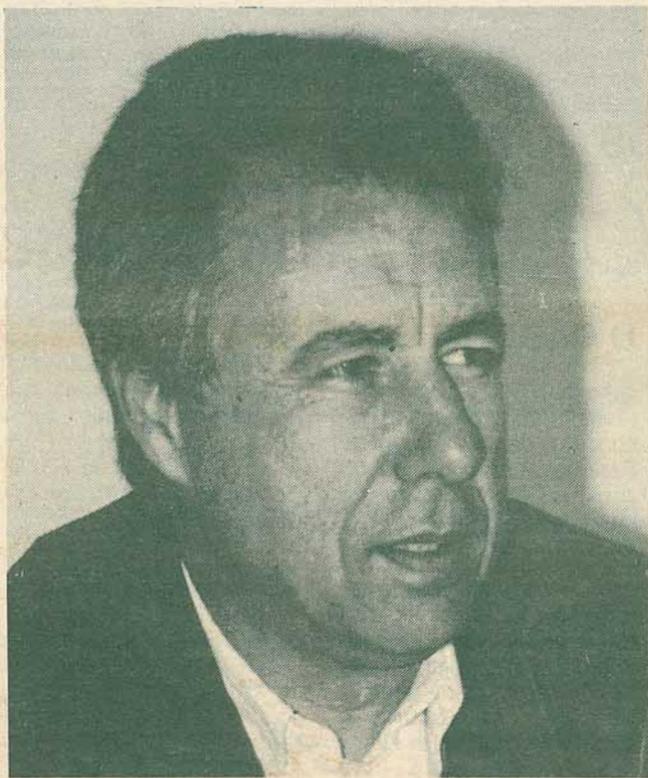
21
Dia Mundial
das Vocações

22
Dia Mundial
da Terra

25
Dia da Liberdade

**Costa Martins,
Capitão de Abril
falou ao
«A COMARCA»
mas ainda
não disse
tudo!**

páginas centrais



A COMARCA em boas mãos

A nossa
apresentação
aos presidentes
das Câmaras de
Castanheira de
Pera, Figueiró
dos Vinhos e
Pedrógão Grande

pag. 2



Semana Santa em Pedrógão

pag. 5

Pedrógão garante o ensino

pag. 7

Entrevista com o Dr. Branco

pag. 8

Noticiário Regional

pag. 15

Crime do Mês

pag. 15

Papa volta a Portugal

pag. 16

FICHA TÉCNICA A COMARCA Mensário Regionalista

Depósito legal nº 45.272/91
Número de registo 104.028
na DGCS

Fundador:
Marçal Manuel Pires Teixeira
Proprietária:
Maria Elvira S. Castela
Pires Teixeira

Sede:
Figueiró dos Vinhos
Director:
Dr. Henrique Manuel
Castela e Pires Teixeira
Director-Adjunto:
Valdemar Gomes Fernandes
Alves

Chefe de Redacção:
Carla Maria Oliveira
Mourisca

Redactores:
Inácio de Passos (redactor
principal), Isabel Alves,
Isaura Antão Marçal Pires
Teixeira, Margarida Pires
Teixeira, Paulo Pires
Teixeira, Paulo Pires,
Tânia Pires Teixeira e Valdemar
Ricardo.

Colaboradores:
Amândio Canelas, Américo
David Pereira, Antonino
Marcelo, Padre Arlindo
Pontes David, Arq. Carlos
Leitão, Eng.ª Cristina
Afonso, Dilar, Eduardo
Paquete, Eng.ª Fausto Lopes
da Costa, Dr. João
Marques, Joaquim Torres
Palheira, Manuel Dinis
Jacinto Nunes, Dr. Manuel
Lopes Barata e Eng.ª Pedro
Vasconcelos.

Gabinete fotográfico:
Eduardo Gageiro (chefe),
Carlos Fernandes, Vitor
Correia e Vitor Fernandes.

Correspondentes:
Derreada Cimeira: Eduardo
Martins David, Escalos do
Meio: Acácio Alves, Vila
Facaia: Maria Leontina
Marques e Moisés Dinis.

Redacções:
Castanheira de Pera: Rua
Silva Bernardes, 11 - Tel.
036-44525

Figueiró dos Vinhos:
Eiras Novas/Ribeira de S.
Pedro - Tel. 036-43258

Pedrogão Grande:
Largo do Adro (Ed.
Paquete) Tel. 036-45573

Delegação em Lisboa:
Rua Gomes Freire, 191 -
2.º, 1100 Lisboa Tels. 01 -
538375 - 547801 - 523547 -
Fax: 01 - 579817

**Coordenação
e Secretariado:**

Elvira Pires Teixeira, Helena
Fernandes e João Galante

Composição e Montagem:
Instituto de Imprensa
Democrática (IID)

Impressão:
Imprinter, S.A.

Tiragem:
6.000 exemplares

Preço:
50\$00

Assinatura anual:
500\$00

TODA A

**CORRESPONDENCIA
DIRIGIDA AO JORNAL
DEVE SER REMETIDA
PARA A DELEGAÇÃO EM
LISBOA.**



EDITORIAL

O indivíduo é anterior ao Estado - esse é um facto histórico inegável. A concepção do Estado só se justifica como forma de melhor organizar e satisfazer o conjunto dos indivíduos - e nunca para os esmagar, ou suprimir, enquanto tais. Contudo, o processo histórico tem-se revelado como uma permanente luta de sobrevivência e de afirmação do indivíduo contra o Estado, da qual aquele tem saído perdedor. A fórmula política de sucesso parece simples de elaborar: a melhor doutrina política e a mais eficaz é aquela que consegue satisfazer o indivíduo ao mesmo tempo que satisfaz o colectivo.

O que falta é a imaginação bastante para, nas medidas societárias, compor uma tal solução no puzzle dos interesses em presença.

Mas enquanto não se alcança essa solução ótima, não é tolerável que cada um de nós, enquanto ser originário e eminentemente digno, possa ver sacrificada ou desconsiderada a sua personalidade e a sua afirmação individual a pretexto dos mais abstractos princípios e interesses.

II - Vern isto a propósito

da comemoração do 25 de Abril, data que simboliza um momento de transformação da vida política em que se carrega a necessidade de libertar o indivíduo do peso esmagador do Estado. Mas neste do exercício do poder político, o risco é sempre o mesmo, o som é que é diferente. O que se passou de seguida resumiu-se a um somatório de atropelos à dignidade do indivíduo, sob a capa da revolução. Felizmente que posteriormente se contava a reassunção do ostensivo poder do Estado e se desfaleceram bandeiras e sensibilidades defensoras do personalismo.

III - Os grandes objectivos contidos no Programa do MFA e catalogados como os três "D" (democratizar, descolonizar, e desenvolver) diluíram-se no tempo. Não falemos por ora na descolonização porque não nos parece o momento azado.

Falemos da democracia e do desenvolvimento. Aquela, só no plano estritamente político logrou pleno êxito. A democracia económica e a social estão ainda por concretizar, a despeito da consagração do princípio básico da igualdade de acesso e de oportunidades.

Se se pensa na Saúde logo verificamos que para o Estado representa um simples encargo: se se pensa na Justiça logo surpreendemos o desrespeito pela liberdade individual num plano, e, noutro plano, a dificuldade de acesso e a eternização judicial dos conflitos de interesses; se se pensa na Educação logo assoma a desigualdade de oportunidades, a limitação a uma formação superior, a instabilidade dos programas de ensino, e a inconsideração pelo estatuto económico dos formadores dos nossos filhos; se se pensa nas Obras Públicas logo se perfila o Eng. Ferreira do Amaral.

Do desenvolvimento não se pode falar porque é tímido. Não se ignora que significativos melhoramentos se introduziram no país ao nível das infra-estruturas. Só que quando se fala no país estamos nesse todo a mascarar o atraso que continua cronicamente a afectar determinadas zonas geográficas, visto que o estado de desenvolvimento não é harmonioso. A nossa zona é uma delas - está na sombra do desenvolvimento. Esse instrumento legislativo com interesse para a promoção do desenvolvimento regio-

nal - a regionalização - nunca mais vê a luz do dia. Ao que tudo indica, se dividirmos o país por regiões com afinidades entre si isso permitirá uma economia de esforços e uma especialização nas decisões.

A divisão actual, essa seguramente não serve.

A nossa zona não é litoral, não tem os custos nem os benefícios da litoralidade - tem apenas os custos da interioridade. Contudo, está administrativamente dada como integrando uma área litoral: a Beira Litoral.

E que enquanto houver problemas de esgotos e de saneamento por resolver numa praia qualquer, não há preocupações que se estendam até ao cume das privações e das necessidades da zona das serras e dos pinhais.

O indivíduo desta zona quedar-se-á na contemplação da beleza das paisagens e do verde luxuriante que veste as serras, até se endurecer interiormente na rudeza das condições de vida que defronta. Não se realiza como indivíduo, é certo, mas continuará a ser um contribuinte do Estado, satisfazendo o insaciável interesse deste.

CARTAS AO DIRECTOR

Paris, 6 de Abril de 1991
Senhor Director do jornal A Comarca

Sou imigrante há cerca de trinta anos, nascido na freguesia e concelho de Pedrogão Grande, onde vou sempre que posso, tendo-o feito agora por curtos dias na Semana Santa. Na deslocação que fiz à vila, para acompanhar as cerimónias da Semana Santa, tive o prazer de receber das mãos de um amigo o jornal A COMARCA. Guardo-o, não o li logo. Fazendo-o só em França. Já o li não sei quantas vezes. Este jornal faz-me lembrar o Notícias de Pedrogão Grande, porque sendo regional como tantos outros que por aqui vão chegando, era um jornal informativo, um jornal bem feito, falavam muito da nossa terra. Deixou de aparecer, foi pena. Agora que temos a mesma imagem, e informando dos três concelhos, que para nós aqui tão longe, esses três concelhos são só uma terra e cada localidade para nós é um bairro, até porque tenho aqui como companheiros de trabalho, um conterrâneo com a família que são das Bairradas e ficou radiante ao ver o jornal. O que aconteceu com outro de Castanheira de Pera. E até nos rimos com a integração dos três concelhos num só jornal, pois não são só os países da Europa que se integram. E assim mesmo senhor Director, vamos para a frente, e que estes três concelhos avancem porque todos queremos regressar.

Quero ficar assinante do jornal, enviando já para pagamento de 1991, Esc. 1500\$00. Seguem as moradas dos meus companheiros de trabalho para lhes mandarem o jornal. Despeço-me com um abraço de felicidades e cá fico esperando. Sempre ao dispor,
António Rodrigues

Lisboa, 8 de Abril de 1991
Senhores Directores do Jornal "A Comarca"

Recebi via correio o vossso Jornal, o que muito agradeço, e podem já firmar a minha assinatura para o corrente ano. Para tanto junto o valor de mil escudos. Pelo que me estou a perceber, V. Exas., estão muito bem a informar a nível dos três concelhos. Logo me apercebi que o jornal está efectivamente a ser feito por homens dos três concelhos, que se uniram para esse fim e que não são na verdade homens da informação, independentes para informarem com rigor.

Na verdade nasci no norte do Distrito de Leiria, num dos três concelhos que o jornal representa, não vou dizer qual, porque todos eles são maravilhosos, e todos temos tão bons amigos em quase todas as aldeias. E assim, ajudo a cumprir os estatutos do Jornal, hoje vale a pena ir às nossas aldeias, cada vez mais, com maior facilidade se vai beber um café ou visitar um amigo, a Pedrogão, à Castanheira ou a Figueiró. E, quando a IC-8 estiver pronta, então sim.

Quando eu transitar completamente de Pmbal a Pedrogão Grande via IC-8, irei com muito orgulho manifestar essa alegria na vossa redacção e dar um abraço ao grande pai deste futuro itenerário, senhor Manuel Henriques Coelho. Parabéns a todos aqueles que trabalham no "A Comarca" a as gentes dessas terras, por terem agora um verdadeiro jornal.

Com os melhores cumprimentos do dedicado leitor,
Pedro de Albuquerque

O JORNAL DOS JORNAIS



CORREIO DA MANHÃ

Publicou este prestigiado jornal diário na sua edição de 4 de Abril, a notícia do lançamento do nosso Jornal, com um destaque que sublinhamos.

O jornalista que a assina, Inácio de Passos, colega do falecido Fundador do "A

Comarca", diria - "A Comarca" veio assim preencher uma lacuna na comunicação social da região".

É certo, como se mantendrá, a nossa defesa pelos seus interesses, e na diversificação dos assuntos com temas e polos de interesse geral.

JORNAL "O ALVAIAZERENSE"

Registámos de bom agrado o ressurgimento do mensário regionalista "O Alvaiazerense", que durante um

largo período não se publicou.

Tricolor, com um excelente cunho gráfico, e um



O CASTANHEIRENSE

Foi com regozijo que recebemos "O Castanheirense", cuja presença no concelho de Castanheira de Pera já o percorre há 53 anos, em prol e defesa dos interesses regionais.

conteúdo multifacetado por temas locais, nacionais e internacionais de interesse actualizado, desejamos que assim continue na missão ingrata de salvaguardar o jornalismo regionalista e os

interesses das populações

Ao seu Director, Emídio Ferreira e à sua equipa, os nossos parabéns e certos de que a vossa missão vencerá.

A APRESENTAÇÃO DO "A COMARCA" AOS PRESIDENTES DAS CÂMARAS DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

"A COMARCA" EM BOAS MÃOS

Nasceu "A COMARCA" com o primeiro número da II Série sem que o anunciássemos.

Intencionalmente assim o fizemos; a sua fecundação nasceu com a promessa feita ao Fundador no leito da

sua morte. Cumprimos o seu e o nosso novo sonho.

Tal como a criança, mostramo-la ao mundo quando chega: EIS A NOSSA RAZÃO!

Sendo um jornal - com o o título denuncia - que abraça

os três concelhos que constituem a Comarca de Figueiró dos Vinhos, era licito apresentá-lo aos Presidentes das Edilidades. Assim fizemos!

Esta atitude mereceu um reconhecimento geral, dada

a inexistência de um elo de ligação no norte do distrito de Leiria que concentrasse num só ponto os interesses da Comarca. E aqui fica registada a nossa apresentação, com as fotos que publicamos na primeira página

JOMINHO
ELECTRODOMÉSTICOS
A MELHOR SOLUÇÃO
CRÉDITO ESPECIAL
AV. ALMIRANTE REIS, 94
R. PASCOAL DE MELO, 15-A
FILIAL: PEDROGÃO GRANDE

ESQUENTADORES

DESDE 13 000\$00
VITORIA - JUNEX
VULCANO - VAILLANT
PHILIPS - WHIRLPOOL

FOGÕES

DESDE 20 000\$00
TROIA - TECNOGÁS
IGNIS - PE - ARISTON
SIUL - PHILIPS
ENCASTRÁVEIS

MÁQ. ROUPA

IMPORTADA DESDE
45 000\$00
AEG - HOOVER - IGNIS
ZANUSSI - ELECTROLUX
IBEIZA - PHILIPS
KELVINATOR

**MÁQ. LOIÇA
SECADORES
GRANDE PROMOÇÃO**

ARCAS CONGELADORAS

DESDE 29 000\$00
210 L - 34 000\$00
310 L - 38 000\$00
410 L - 42 000\$00

FRIGORÍFICOS

DESDE 35 000\$00
250 L - 45 000\$00
300 L - 52 000\$00

TV COR

DESDE 36 000\$00
GRUNDIG - PHILIPS
TELEFUNKEN - SONY
JVC - MITSUBISHI

VÍDEOS

DESDE 52 000\$00
SANYO - SONY - AKAY
PANASONIC - JVC

CÂMARAS VÍDEO

**MICRO ONDAS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRIG. AMERICANO**
ELECTROLUX - KELVINATOR
PHILIPS - WHIRLPOOL

ENTREVISTAS IMPOSSIVEIS

Com o Mestre Malhoa

A partir deste número teremos aqui um espaço do fundador, recolhido através dos artigos publicados na primeira série.

Passaram-se já 15 anos da data da presente «entrevista impossível», pelo que se irão verificar alguns pequenos pormenores de transformação até a actualidade. Foi nossa intenção cumprir com o seu rigor, em nada alterando o seu texto.

É uma forma, ainda que simples, de homenagear este grande jornalista que foi Marçal Pires Teixeira.

No meu regresso a Figueiró retomei o velho hábito de ir todas as manhãs ao Jardim-Parque colher, à surrella do amigo José Francisco, um cravo branco que então usava na lapela do meu casaco e agora guardo no meu posto de trabalho. Isto é uma uma confissão, e se apanhar cravos brancos é crime punível com multa, pois que salte ai o senhor fiscal e faça tombar sobre mim por culpa dos cravos brancos, todo o imenso peso da lei...

Mas enquanto ele não chega pois eu prossigo na conversa dos cravos.

La vinha eu de cravo branco na mão, numa manhã paracenta e fria, neste principio da outonal estação que há 30 anos me não ferrava o dente, quando me apercebi da presença, tremendo do grande (ali em ponto minuscúlo) Mestre Malhoa, «descamiado» e só todo orvalhado, gotejando frio por todos os poros.

Era uma imagem pouco feliz e que nada recomenda os homens, auelo do Artista que produziu «Promessas», «Que lindo o meu menino», «Ultimo interrogatório do Marquês de Pombal», «O Remédio», «Gritando ao Rebanho», «O Outono», «Os Oleiros», «Festejando o S. Martinho», «O Batismo de Cristo» e inumeras outras obras de inestimável valor, em menos de meio corpo e decepado, logo decepado, quando as sua mãos foram um prodigio de arte, de poesia na arte, de sensibilidade na arte, de amor na arte, de incomensurável grandeza na arte!

Ironias e misérias, segredos de misérias de homens que não tendo a dimensão artistica do Mestre, podiam ao menos respeitar os valores e já que preterideram homenagear que sobessem salvaguardar-se deste e doutros julgamentos, respeitando as proporções e defendendo os simbolos de positivo conteúdo que permanecem vivos para além da morte.

E expôr Malhoa decepado, ou é brincadeira de mau gosto ou incultura guarnecida da mais atrevida ignorância.

Isto penso eu e repensei-o junto ao busto de Malhoa, lobrigando ainda nos tempos da minha meninice o contacto do Mestre com o mundo das pequenas coisas, no quintal do seu «Casulo» e entre a galhofa da dedicada senhora Nazaré, colhendo nabos que mandava aferventar pois era esse um dos seus «hobys»...

E agora eu ali estava na presença do Mestre, tão maltratado este ainda pelo pobre enquadramento que lhe arranjaram, quando temos uma praça com seu nome e onde ficaria bem melhor, mas obrigando, é claro, a monumento de outra dimensão inconciliável com a miniatural peanha

do mini busto.

E certo que Figueiró tem umas reservasinhas quanto ao Mestre, e foi um pouco das que eu conheço que lhe lancei em rosto, logo ali, neste reencontro outonal:

- Mestre, como amante da arte de comunicar através da pintura e sobretudo como figueiroense, eu tenho aqui uma pedra no sapato para lhe mostrar, em jeito de acusação, para o que já pedi licença à minha humildade. Pela mão do escultor figueiroense Simões de Almeida, o Mestre veio a Figueiró e, maravilhado «com os longes dos panoramas, o anilado das montanhas e a tonalidade melancólica dos poentes», subiu ao «Podium» dos gigantes, e disse: «Não é preciso ir ao Minho para encontrar a cor!»

«Figueiró dos Vinhos, a minha terra, impressionou-o, não foi?»

- «Sim, meu impertinente escriba e tanto assim que a adoptei, nela passei os melhores anos da minha, do maravilhoso quadro, único no mundo que ela é, eu tirei milhentas particulas, levando a tua terra a todos os confins... Celebrizei-a e aos seus filhos que me serviram de modelo, como o Francisco dos Santos Ventura, que tinha por alcunha o Cristo, o Noé, a Piedade Padreira, Nazaré e tantos outros!»

- E que mais, Mestre, e que mais?

- «Valorize a terra com a minha oficina-moradia-o Casulo - a que ainda recentemente chamaste uma jóia de arquitectura e da estética!»

- E que mais Mestre, e que mais?

- «Ofereci à Igreja de Figueiró o «Batismo de Cristo», que está ali no altar-móe, vivo, a penetrar as almas, a convidar à meditação!»

- E que mais, e que mais Mestre?

- «E que mais aueiras tu que eu fizesse por Figueiró? Canter as suas belezas, liguei o seu ao meu nome...»

- Perdão, perdão, o Mestre é que ligou o seu ao nome de Figueiró. O Senhor veio, Figueiró já cá estava. E os seus modelos também o Mestre encontrou-os pobres quando chegou e eles continuaram pobres quando partiu. Porque não ofereceu o «Casulo» à nossa Câmara, à Vila de Figueiró, para nele se instalar um Museu, onde poderiam estar muitas obras suas que andam por ai dispersas, tresmalhadas, enriquecendo assim a terra que tanto o enriqueceu? Que fez o Senhor pela pobre senhora Nazaré que durante tantos anos lhe aturou as irreverências, servindo-o de dedicado e que ainda hoje, passados quase 50 anos da sua morte, permanece pobre e alquebrada, doente, servindo para viver?

- «Queres então dizer que eu



O busto de Malhoa decepado

nada fiz por Figueiró?»

- Não é isso Mestre Malhoa. Eu não quero dizer isso. O Senhor expandiu o nome da minha terra, mas as belezas incomparáveis da minha terra foram que o inspiraram, foram metade do seu êxito, ajudaram à sua consagração. Eu quero simplesmente acentuar que o Mestre fez alguma coisa por Figueiró mas tem de confessar que poderia ter feito mais, não é verdade?

- «Eu vim para Figueiró e agarrei-me à terra, fixei-me e fixei as suas belezas, que exportei, levando-as e ao nome da terra às mais remotas paragens. Quantas pessoas vieram visitar Figueiró, fazendo dessas visitas uma habitação de todos os anos por influência da minha acção? Eu trouxe-os e eles gostaram, mas parece-me que muitos já não vêm. Saturaram. E porquê? Porque nada mais lhes foi oferecido para além do que a natureza dá. Os homens teus conterrâneos não tiveram tempo para aproveitar as principais dádivas da natureza. Figueiró não tem uma piscina, uma casa de espectáculos, um court de ténis, nas Fragas não há uma pousada e tudo o mais que constitui um complexo turístico. Não se fazem concursos de pesca e implantou-se um viveiro de trutas, mas a zona da concessão está ao abandono. Desde que eu morri até hoje e já lá vão cerca de 40 anos que a média de construção não dá uma moradia por ano!»

Convertem-se as pessoas ao caruncho e Figueiró cristalizou».

- Tem razão até certo ponto Mestre, mas esse derrotismo negro não fica bem a um artista. De resto, essa acusação é uma espada de dois gumes. E se maneja assim desabridamente ainda se corta...

- Meu caro, estou aqui já sem alma, mas de consciência tranquila. Fiz o que pude pela tua terra e se os outros, aqui nascidos, houvessem feito outro tanto, pois Figueiró vestiria hoje outra fátia, teria um rosto diferente».

- Mestre, rasgaram-se estradas, electricizou-se o concelho...

- «E demoliu-se o coreto, coisa que fica bem em todas as terras, e alteraram-se as linhas originais da ponte romana às Fragas de S. Simão desvalorizando-a até do ponto de vista histórico inutilizando um factor turístico, e construiu-se aquele «masmarracho» em frente do cemiterio, pretendendo com mal disfarçadas lavagens ao cérebro, convencer-nos de que aquilo é uma capela! Acusas-me de me ter servido de Figueiró sem

o servir, mas, e que fizeram os homens da tua terra, já não digo mais, mas pelo menos tanto como eu?»

- Mestre eu vejo a minha terra com ar mais prazenteiro agora, de cara mais lavada, temos por ai algumas industrias e certamente outras unidades fabris há-de surgir.

- «Es um lunático, amigo, um sonhador! Prazenteira está terra dividida em grupos e subgrupos? De cara lavada esta terra onde há dias rebentou o escândalo so porque alguém se lembrou de cair a casa, coisa que a esmagadora maioria dos edificios da vila não sabe o que é quase há um século?!»

- Mestre, o Senhor...

- «Espera um pouco, eu ainda não acabei. Falaste em industrialização. Olha que é preciso descaramento! Para alé dessa tábuia de suporte da economia figueiroense que é a Sonuma, as serrações Freitas Lopes e Simões Pereira, as Cerâmicas e mais duas ou três unidades de reduzida dimensão e com um mínimo de postos de trabalho, onde está a industria de Figueiró dos Vinhos? Qual é a valia, qual o coturno do parque industrial da terra? E porque não abundam por ai as fábricas? A quem temos que imputar as culpas desse desfazamento?»

- E possível uma reconversão, Mestre, ainda é possível.

- «Agora?! Depois das leis tolas desses loucos sem intervalos lúcidos que nos governam?! Quem vai hoje na aventura de um empreendimento industrial, com tudo e todos a exigir sem a garantia da rentabilidade?!»

- O Mestre é um critico ardoroso. E em certa medida até tem razão, mas para poder atirar pedras, resolva o seu problema de consciência, pague o seu débito à minha terra oferecendo-lhe o «Casulo», oferecendo-lhe mil obras suas que andam por ai perdidas algumas nas mãos de gente que de pintura so conhece o pincel de cair, assegurando uma pensão vitalicia à velhinha senhora Nazaré, mandando construir pequenas habitações para os seus modelos e, por último e pelo menos isso, instituir uma ou duas bolsas de estudo para estudantes pobres, valores artisticos que se perderam na bruma do anonimato por incapacidade económica. Alguma vez pensou nisto Mestre?

- O frio apertava e eu lá deixei o Senhor José Malhoa escorrendo orvalhos, enregelado no exame introspectivo a que o forcei.

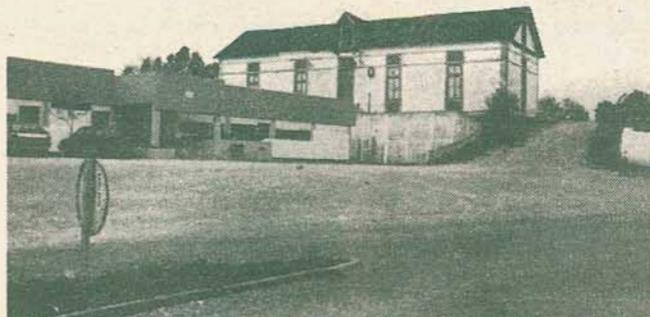
MARÇAL

À LAREIRA

NEM SAÚDE NEM HOSPITAL

Em 7 de Abril comemorou-se em todo o mundo o DIA MUNDIAL DA SAÚDE.

Saúde há muito pouca por esse mundo fora, infelizmente. No entanto, nós aqui no cantinho da Europa, mais concretamente no cantinho do Distrito de Leiria, queremos homenagear este Dia da Saúde, e vamos aproveitar este espaço à lareira para falar rapidamente do "Nordeste" do Distrito de Leiria, como lhe chamou e vai chamando o nosso Governador Civil, ao concelho de Pedrógão Grande. Melhor do que ninguém, porque além de ser o Governador Civil é médico, o senhor Dr. Rui Garcia, sabe muito bem, quanto tem custado à população do concelho de Pedrógão, a degradação constante do Hospital deste concelho, que está em completa ruína. Um Hospital que foi construído por subscrição pública, nos últimos anos da Monarquia, no mais belo local da vila, com uma cerca para jardins, para convalescença absoluta dos doentes. Deram fim ao de Pedrógão, como o queriam dar aos bons hospitais de Lisboa, como o do Rego e do Júlio de Matos. Metade do terreno onde está instalado o hospital de Pedrógão foi oferecido pelo pedroguense Diocleciano Nunes Caetano. José David de Andrade e Francisco Lopes David da Conceição dotaram o hospital com as primeiras peças de mobiliário. Outro grande pedroguense, Alexandre Nunes Sequeira montou uma enfermaria, que recebeu o seu nome. E tantos outros que contribuíram nos tempos difíceis para



O jovem Centro de Saúde e o velho hospital

terem o seu hospital, muito em especial o povo anónimo que realizava festas para obtenção de fundos, vêem agora essa unidade em monstruosas ruínas, sem ser substituída por outra.

Neste belo Hospital, que o foi, tantas e tantas operações ali tiveram lugar pelas mãos do Professor Doutor Bissau Barreto, que tinha uma especial atenção e carinho pelo povo deste concelho que foi o seu. Tantos e tantos sinistrados da construção da Barragem do Cabril ali foram socorridos, ocorrendo lá as primeiras intervenções.

E hoje? Quando existe um maior número de serrações, abates de árvores, profissões de alto e permanente risco, vai tudo para Coimbra - sinistrados para morrerem no caminho! Não falando das jovens mães que para a mesma cidade vão para parir, e acabam por fazê-lo, ou na descida para a Ribeira de Pêra ou na de para a Ribeira de Alge. Só que quando o tempo conta para salvar uma vida a distância para Coimbra é muita.

Razões idênticas têm os concelhos vizinhos e amigos de Pedrógão: Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Sertã, Oleiros, Pampilhosa da Serra, Gois e Arganil.

Esta é a simples homenagem que queremos prestar à Saúde no seu dia Mundial em 1991, e aos médicos que nos Centros de Saúde prestam os seus serviços com muita dedicação e sacrificio, disso temos a certeza, em especial os do Centro de Saúde de Pedrógão Grande - que ao entrarem todos os dias no CS erguem os olhos para as ruínas do velho Hospital, a poucos metros dali.

Homens como os pedroguenses acima referidos também os há hoje, e com o mesmo entusiasmo que os antigos tiveram, razão pela qual aqui pedimos que nos deixem repor em Pedrógão um hospital digno e útil. Ou será que os homens que fizeram o nosso hospital e aqueles que ali operaram, dirão de lá donde estiverem, como Mário Sacramento um dia disse: "FAÇAM UM MUNDO MELHOR, OUVIRAM? NAO ME OBRIGUEM A VOLTAR CA!"

V.A.

PANORAMA

RESTAURANTE

- Amplo, moderno e funcional Estabelecimento Hoteleiro, na zona Norte do Distrito de Leiria.
- Capacidade para 400 Pessoas
- 2 Salões e 2 Cozinhas totalmente independentes
- Parque de estacionamento privativo
- Especialmente dimensionado e equipado para Banquetes, Casamentos, Baptizados e Reuniões
- Ar condicionado
- A partir do dia 1 de Maio com o salão do r/c totalmente remodelado, aberto diariamente
- Esplanada
- Marisco e boa cerveja
- ARROZ E AÇORDA DE MARISCO
- BACALHAU "À ZÉ DO PIPO"

Rua Major Neutel de Abreu
52 115 — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Sonebuna

URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, LDA.
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 7. 1.º-Dto.
1000 Lisboa • Tels. 89 65 28

suzArte
OURIVESARIA

**JOALHARIA
PRATAS ANTIGAS
OURO E RELÓGIOS**

**Compra e vende jóias usadas,
pedras finas, ouro e prata**

Rua Áurea, 152 Telef. 32 12 44 1100 LISBOA

VAMOS TODOS AJUDAR O CENTRO PAROQUIAL

Na edição de Março passado, falámos enigmáticamente da obra que hoje abertamente vamos falar. Diziamos então na página quinze, tendo como tema uma fotografia dos muros que encerram a obra, de que muitas coisas boas estão para acontecer e outras graves também. Dizemos já que a coisa boa está para acontecer é a concretização da obra do Centro Paroquial de Pedrogão Grande. E as coisas graves acontecerão, se esta grandiosa obra não for apoiada por todos até ao fim. De muita gente temos ouvido elogios, e de outros algumas críticas, não pela realização da obra, mas porque queriam ainda mais. São de louvar estas críticas, porque uma Paróquia que é centenária, que tem como Igreja Matriz uma das mais belas Igrejas de Portugal, que com a Igreja de Soure foram em, tempos, as únicas colegiadas da Diocese de Coimbra, e que durante setenta e quatro anos teve uma escola de Latim, tendo sido seus professores o Padre João Nunes e João Cabral de Brito, só agora veja a obra do seu Centro Paroquial a chegar ao fim.

O sonho desta obra terá nascido quando era Prior da Freguesia o falecido Padre José Ferreira, que hoje o Povo recorda com muita saudade e amor. Jovem Sacerdote que vem para Pedrogão em Setembro de 1926 e aqui morre em 27 de Dezembro de 1976. Mais de cinquenta anos ao serviço da comunidade Pedroguesa. Atendendo à época difícil que em Portugal se vivia, o senhor Padre José Ferreira foi vítima dessas dificuldades, pas-

sou muitas privações. Ocupou o seu lugar de Prior com muita dignidade, e que a concretização desta obra, será mais uma homenagem do seu povo àquele que soube ser um grande homem. Mas, antes de falecer, o Padre José Ferreira ainda conseguiu a doação do terreno para esta obra, com escritura no dia 14 de Junho de 1973. Esta doação foi feita pela senhora Dona Maria Susana Montarroi Farinha Marques Pereira, senhora de raras qualidades, que além desta doação fez outras à terra, que oportunamente falaremos. Esta maravilhosa senhora, já falecida, foi esposa do grande médico e homem de bem, senhor Dr. Marques, assim de todos era conhecido, e ainda hoje é recordado por muita gente da vila e do concelho, que têm sabido educar os seus filhos e netos a recordar tão nobre homem. Não é necessário ter uma rua na vila com o seu nome para que seja recordado, pois as suas obras foram o suficiente para perpetuar a sua memória. Lamentamos, que Pedrogão Grande tenha concebido nomes às suas ruas, de pessoas às quais o concelho nada deve, e tão pouco viu nascer. Mas, o sonho do Padre José Ferreira continua. Em Março de 1977 a Paróquia passa a ser dirigida pelo senhor Padre Arlindo Pontes David, um excelente homem e um Padre de raras qualidades. A população fica radiante porque tem novo Sacerdote, homem nascido na freguesia e de todos bem conhecido. Em 1079 o Padre Arlindo cria o Grupo Socio-Caritativo e Cultural, e neste faz nascer um Ran-

cho folclórico, que por razões desconhecidas deste jornal, é transferido para outra organização, que acabou por o deixar adormecer, não tendo nesta qualquer actividade. Este Grupo entregou à actual Comissão da Fábrica da Igreja, cerca de cinco mil contos, provenientes de fundos por si conseguidos entre peditórios, quermesses e actuações do rancho, um valor bastante razoável que deu para iniciar as obras do Centro. Entretanto, a Paróquia teve a desgraça de o seu Padre Arlindo, ficar impossibilitado de continuar à frente dos destinos desta, tendo sido substituído pelo actual Prior, senhor Padre João Cruz da Conceição, que não ficou de mãos atadas. Homem dotado de grande inteligência e de uma enorme capacidade de trabalho, colocou as suas mãos na obra e aí a temos com toda a força. O senhor Padre João tomou posse da Paróquia no dia 2 de Dezembro de 1984. Em 1988 dá posse à actual gerência da Fábrica da Igreja que é presidida por si, e composta pelos senhores Américo David Pereira, Eng.º, António Pena, António Tomaz Nunes, Joaquim Torres Palheira, José Martins e Manuel Fernandes. Assim, a Câmara Municipal de Pedrogão Grande apresenta o seu projecto, a Fábrica da Igreja no dia 17 de Abril de 1989, devidamente aprovado sendo esta Câmara a responsável pelo mesmo oferecendo-o ao povo da freguesia. As obras têm início em 3 de Julho de 1989, com a orientação técnica do senhor António de Jesus Nunes, mais conhecido pelo "António do Rufino", que



O edifício do futuro Centro Paroquial

com o seu saber e grande vontade de ajudar a sua terra, coloca todo o seu esforço ao serviço da causa, tendo inclusive, emprestado todo o material necessário para que todos pudessem trabalhar.

A empresa de desaterros Valdep dos irmãos Correia, da também o seu contributo. fez os desaterros e transportes gratuitamente. A Junta de Freguesia de Pedrogão subsidia com Esc. 250.000\$00. Com projecto aprovado a obra paralizou, no dia 21 de Julho de 1989. Mas indiferentes à paralização, os paroquianos no dia 22 desse mesmo mês realizam um cortejo de oferendas, que rendeu Esc. 4.379.243\$50, entre doações em

dinheiro e valores dados aos produtos vendidos. A Igreja já gastou com a obra tal qual se encontra. Esc. 6.990.885\$50, prevendo gastar dentro de dias os cerca de dois mil contos que lhe restam de valores na sua posse, já que a obra teve reinício em Março de 1990, e tem tido várias fases de trabalho, estando nesta data a verificar-se as aplicações das madeiras. No entanto, os elementos da Fábrica de Igreja, dizem já terem conseguido os cerca de nove mil contos, praticamente gastos, mas que a obra irá para uma totalidade de mais de quinze mil contos.

O nosso Jornal visitou as obras e pode adiantar que os

quinze mil contos serão pouco para acabar tão grandiosa obra. Atendendo ao que já se fez e tanto material ali empregue, nunca será demais o pouco que posamos continuar a dar, para aqueles que têm vindo a dar, e será aqui um alerta para aqueles que nunca nada deram. A finalidade desta obra tem por fim o prestar ASSISTENCIA CULTURAL, RELIGIOSA, CIVICA, MORAL E SOCIAL a todos aqueles que dela necessitarem. Esperamos voltar sempre que necessário a falar desta obra, por muitas e várias razões. Esta obra é de católicos para servir todo e qualquer ser humano, razão pela qual vamos todos ajudar o Centro Paroquial.

MATADOURO REGIONAL REUNIU EM ASSEMBLEIA GERAL

O Matadouro Regional do Zézere empreendimento industrial que faz parte da Rede Nacional de Abate e que tem a sua sede na vila de Pedrogão Grande, reuniu os seus industriais, em local próprio para o acto.

Esta Assembleia geral apreciou e analisou assuntos de interesse para a Sociedade em geral, e fiscalizou o comportamento da Administração durante o ano de 1990 aprovando o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e considerou o

parecer do Conselho Fiscal. A ordem dos trabalhos incluiu mais duas propostas do Conselho de administração, que seriam as alterações dos Estatutos da Sociedade e um possível aumento de capital social, não se verificando qualquer votação nestes dois sentidos, atendendo a que a Assembleia não tinha o número suficiente de accionistas, que os estatutos exigem, para deliberarem sobre esta matéria. Reunirão ainda em Abril ou princípios de Maio, os accionistas da Sociedade Matreze, para se debru-

çarem sobre estas duas propostas daa Administração. A Mesa da AG era composta pelos senhores Alvaro Santos Lopes, Armando Graça e José Augusto, em representação das Câmaras Municipais, respectivamente de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pampilhosa da Serra. Os dois primeiros são vereadores e o último é o seu Presidente, que gosta sempre de brindar Pedrogão Grande com a sua agradável presença. A mesa do Conselho fiscal era composta pelos senhores Manuel Al-

berto das Neves, Dr. Joel Artur Rodrigues, Revisor Oficial de Contas e ainda pelo Senhor Manuel Henriques Coelho em representação da Câmara Municipal de Pedrogão Grande, sendo o Presidente desta. A administração estava representada pelo seu Presidente senhor Abílio Lopes Branco, Dr. João António Lourenço, representante do IROMA, e pela senhora D.ra. Maria do Céu, que ocupava o lugar vago de Administrador, deixado por exoneração a pedido do anterior.

Esta AG aproveitou a ocasião para confirmar no cargo de Administradora, a senhora Dra. Maria do Céu, elegendo-a por unanimidade.

Antes de serem encerrados os trabalhos, o senhor Abílio Lopes Branco, esclareceu a Assembleia de que as obras de construção do edifício industrial e dos serviços de apoio da empresa foram dados por concluídos em Abril de 1990. Por moivos ajeitos à vontade da Administração, já referidos em relatórios anteriores, é muito significativo o resultado da relação traduzida no atraso em aproximadamente dois anos de início de produção e os custos directos suportados. Que o referido atraso fez agravar significativamente os custos, pois estavam prevista receitas que não foi possível concretizar desvirtuando assim o projecto



inicial, que no início da produção e em algumas componentes já estava desajustado da realidade, com os consequentes custos implícitos.

Atendendo às referidas condições, tem a Administração vindo a empenhar os seus esforços de modo a dotar a Empresa de factores de produção e dos meios económicos e financeiros necessários à manutenção e desenvolvimento da sua actividade, o que em determinadas situações se torna difícil. Sendo o

mercado de abate um sector bastante selectivo em função da qualidade, esta não está a ser legalmente imposta. Pois continuam a ser concedidas licenças de abate a matadouros que não reúnem as condições mínimas de higiene e qualidade, implicando uma maior concorrência, para a qual a Empresa ainda não está preparada, por apenas ter seis meses de actividade e sujeitar-se às regras impostas para a produção, o que origina custos mais elevados.



A LEIA,
COMARCA E ASSINE

PASTELARIA

MONSANTO

Rua Condes de Monsanto, 1-A e 1-B
TELEF. 87 20 63 1100 LISBOA

PASTELARIA Capri

LANCHES PARA CASAMENTOS
E BAPTIZADOS

UM FABRICO E SERVIÇO, QUE SE IMPÕEM
DOCES DE OVOS DE AVEIRO

BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Rua da Misericórdia, 38 — TELEF. 23 020
SETUBAL



electrodomésticos
hi-fi, discos, móveis

loja 1 R. CONDE DE REDONDO, 80-82
38 11 47
(4 linhas) 1100 LISBOA

PARQUE PRIVATIVO - CLIENTES
R. BERNARDIM RIBEIRO, 83 - A
1100 LISBOA

loja 2 PRAÇA DO AREIRO, 8
848 33 11
80 39 34 1000 LISBOA

MILHARES DE PESSOAS NA SEMANA SANTA EM PEDRÓGÃO GRANDE

Esquecida nos tempos a data correcta em que tiveram início as celebrações da Semana Santa em Pedrógão Grande, continuam esta sede de freguesia e a sua Paróquia a realizar com grande êxito tais celebrações. Assim, no dia 17 de Março passado - Domingo de Passos - iniciaram-se as cerimónias de Quaresma na Vila de Pedrógão Grande. No referido Domingo percorreram as ruas da Vila a procissão do Senhor dos Passos, procissão de grande significado para o povo em geral, porque é a única procissão que entre tantas que têm lugar na centenária vila, não só percorre as ruas habituais de outras procissões, como percorre ainda as ruas nobres. Para os fieis seguidores de Cristo, este facto é muito importante. Ao longo de todo o itinerário, a procissão tem as suas paragens junto dos

mesmo nome. A imagem do Senhor dos Passos vem da Igreja Matriz, chegando em primeiro lugar ao largo. De norte, vêm as imagens de Nossa Senhora e a de S. João. Aqui o espaço é pequeno para tanta gente. O espaço de tempo é ocupado pela oração dos fieis com lágrimas nos olhos e por um sermão alusivo ao momento feito por um sacerdote convidado para este acto. Assim, termina a procissão algumas horas depois no largo da Devesa, no Monte do Calvário. Aqui é o segundo ponto alto, com a crucificação de Cristo e com novo Sermão pelo mesmo orador convidado. A Quaresma continua na vila Pedrógão, com novas cerimónias na Igreja Matriz no Domingo de Ramos, em que tem lugar uma curta procissão embelezada com ramos apresentados pelos fieis para a bênção e na

Igreja Matriz, se iniciam as celebrações que ao fim da tarde culminam com as trevas, cerca das vinte e uma horas tem início a Procissão das velas com início na Igreja da Mesericórdia, com breve entrada na Matriz, e continua até recolher na Mesericórdia. Esta Procissão é a que mais jovens representa em todas as outras que têm lugar nesta quadra. Durante a noite a Matriz fica aberta para oração. Tempos já lá vão em que ranchos de pessoas vinham e ali pernoitavam em vigília, provenientes de freguesias vizinhas dos concelhos de Góis, Pampilhosa da Serra, Figueiró dos Vinhos e da Sertã. Logo pela manhã de Sexta-feira Santa, a vila de Pedrógão e os seus estabelecimentos comerciais são pequenos para albergarem tanta gente. As cerimónias na Igreja Matriz iniciam-se



ruas habituais, em direcção à Igreja Matriz onde continuarão as cerimónias até ao escurecer do dia. Esta procissão é muito rica pela sua imponência e devoção de todos quantos nela tomam lugar. Tem várias, mas curtas paragens para se ouvirem os cânticos entoados por uma bonita voz de uma jovem solteira, a quem a população se habituou a chamar de Verónica. Mas, Verónica é o pano que esta jovem transporta nas suas mãos e que o exibe oas presentes com o rosto de Cristo ali estampado. Esta procissão é composta por três andores, o primeiro transporta a imagem deitada de Cristo, sendo logo seguida das imagens de Nossa Senhora das dores e da de S. João. Sempre presente a figura viva de Maria Madalena, tempos vão em que os Sacerdotes poderiam transportar a imagem do Senhor já morto. E o Pálio, no qual vai o Santíssimo, era pegado nas suas varas, pelas pessoas mais nobres e distintas do concelho.

Cerca das vinte e uma horas estas três imagens regressam à sua capela de origem, ao Monte do Calvário, em procissão de velas e em completo silêncio, e em todo o seu percurso as resi-

dências têm por costume iluminarem as suas janelas com vários tipos de candeieiros. As cerimónias de Sexta-feira Santa de 1991 já deram uma ideia de tempos antigos, recordados com muito carinho por varios paroquianos, muito em especial a presença de mais Sacerdotes, que este ano contou com a presença dos Padres, Ramiro da freguesia de Alvares e António natural das Cortes, a prestar serviço em Fátima, que coadjuvaram o Prior de Pedrógão, Padre João, que presidiu às celebrações, foi lindo e por todos os presentes salientada a presença nas cerimónias de dois Sacerdotes nascidos na freguesia de Pedrógão Grande, Padre Arlindo e Padre Júlio.

Mas, não terminaram aqui as celebrações da Semana Santa, pois no Sábado, tiveram lugar as Cerimónias e a Santa Missa da Aleluia, cerca da meia-noite. Nasce uma nova vida, outra visão, para todos quantos se recolheram nesta quadra, ao sofrimento e à penitência.

Continuou a alegria da Aleluia no dia seguinte, Domingo de Páscoa, não só com a Missa Pascal, mas, com nova procissão, esta de alegria e de bem estar de todos os cristãos, que viveram intensamente a Quaresma.

Para a realização de todas estas actividades religiosas, contribuíram com o seu esforço e dedicação, todos os bons homens que fazem parte dos órgãos dirigentes de duas velhas e nobres entidades religiosas, que são a Fábrica da Igreja, conhecida pela Irmandade do Santíssimo, e ainda a Santa Casa de Misericórdia. As entidades civis, como sejam a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal, deram também e dentro das suas possibilidades o seu apoio. Mas, o grande apoio e para que todos os anos se repitam deste modo e cada vez melhor, veio sem dúvidas de todo o povo anónimo presente, que com o seu calor e alma de bons e grandes cristãos, fortaleceram os laços que unem os católicos de Pedrógão Grande.



velhos nichos construídos em pedra de granito, onde figuram quadros com pinturas alusivas à Via Sacra. Nestas paragens há sempre lugar a uma pequena interpretação feita por meia dúzia de músicos da Filarmónica Pedroguesa com cânticos em Latim. Esta procissão tem dois grandes pontos altos. O primeiro é o encontro de Nossa Senhora com o Seu Filho Jesus Cristo. Este encontro tem lugar precisamente no centro da vila e no largo que tem o

qual cada jovem tenta que o seu ramo seja o mais bonito. Quinta-feira Santa as actividades religiosas voltam ao seu grande movimento em toda a freguesia, e de todo o país, e até do estrangeiro, começam a chegar as famílias oriundas de Pedrógão, para se unirem aos seus familiares ali residentes e em conjunto celebrarem a Quaresma. A tarde, são abertas as capelas da vila e de toda a freguesia, para serem visitadas pelos fieis, enquanto na

Cerca das quinze horas é o ponto mais alto desta Sexta-feira Santa. E a procissão do enterro do Senhor. O povo volta todo ao largo da Devesa, ao Monte do Calvário. Aqui, reinicia-se a cena deixada no último quadro de Domingo de Passos. Após breve cerimónia tem início a procissão, percorrendo as

Café - Restaurante
FLOR DA SERRA
DE FERNANDO JOSÉ SIMÃO
AGENTE DO TOTOLOTO
E TOTOBOLA

TEL.: 03 63 51 02 - 3250 ALVAIAZERE

Manuel Vaz & Filhos, Lda.

Comércio de Materiais de Construção Civil, Agente das:
Tintas Robblelas, Massacos e Azulejos - Louças de Cesto de Banho

FERRAGENS E FERRAMENTAS
REPRESENTANTE PARA OS CONCELHOS DE:

PEDRÓGÃO - FIGUEIRÓ DOS VINHOS E CASTANHEIRA DE PERA
DAS BATERIAS FULMEN

Telef. 4 53 97

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

A ARCA DE GUIZÉ

LIVRARIA, PAPELARIA
E ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA

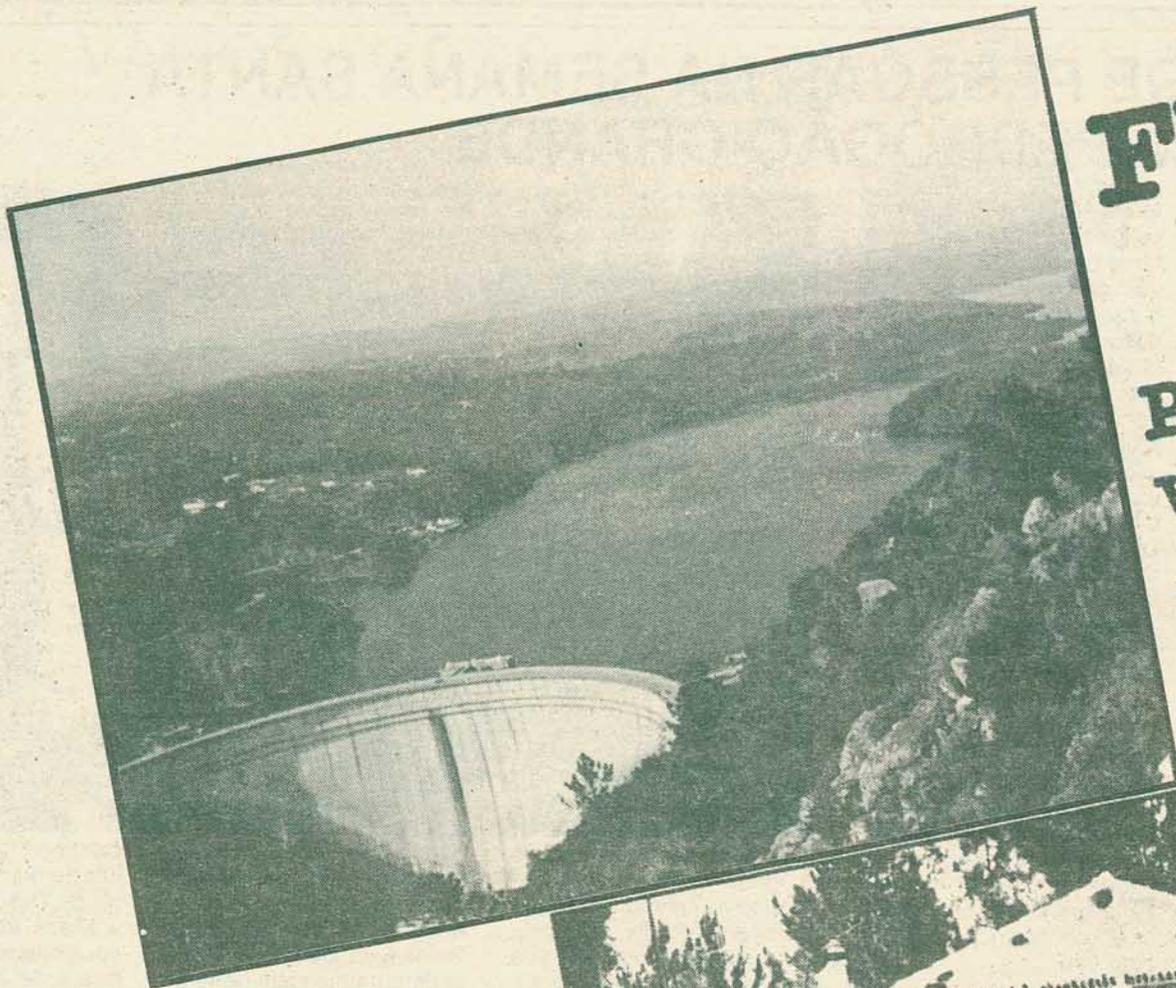
- BRINQUEDOS
- BIJUTARIA
- PERFUMES
- FOTOCOPIADOR C/ REDUÇÕES E AUMENTOS

R. SILVA BERNARDES, 7 - TEL.: 44210
3280 CASTANHEIRA DE PERA

FÉRIAS?

Para este ano
venha a

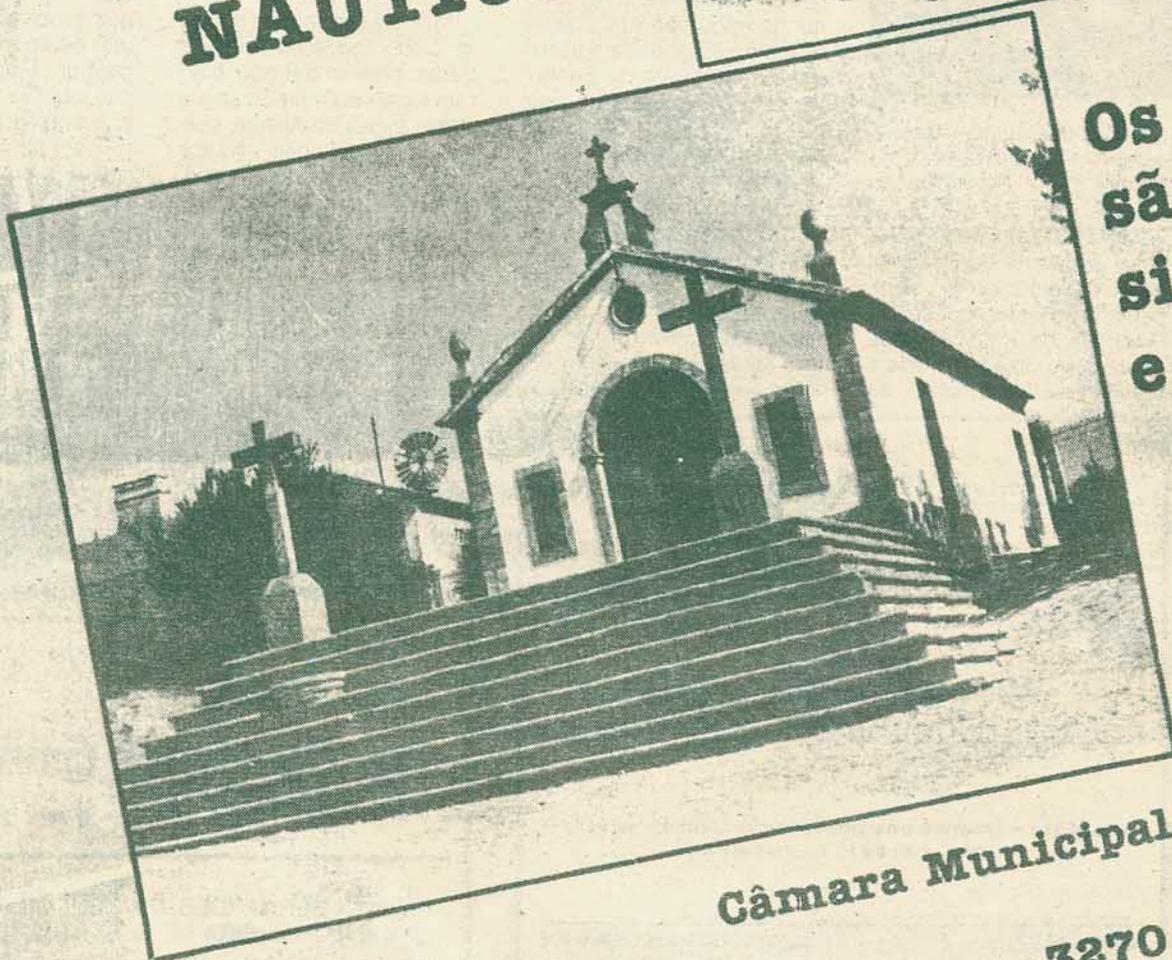
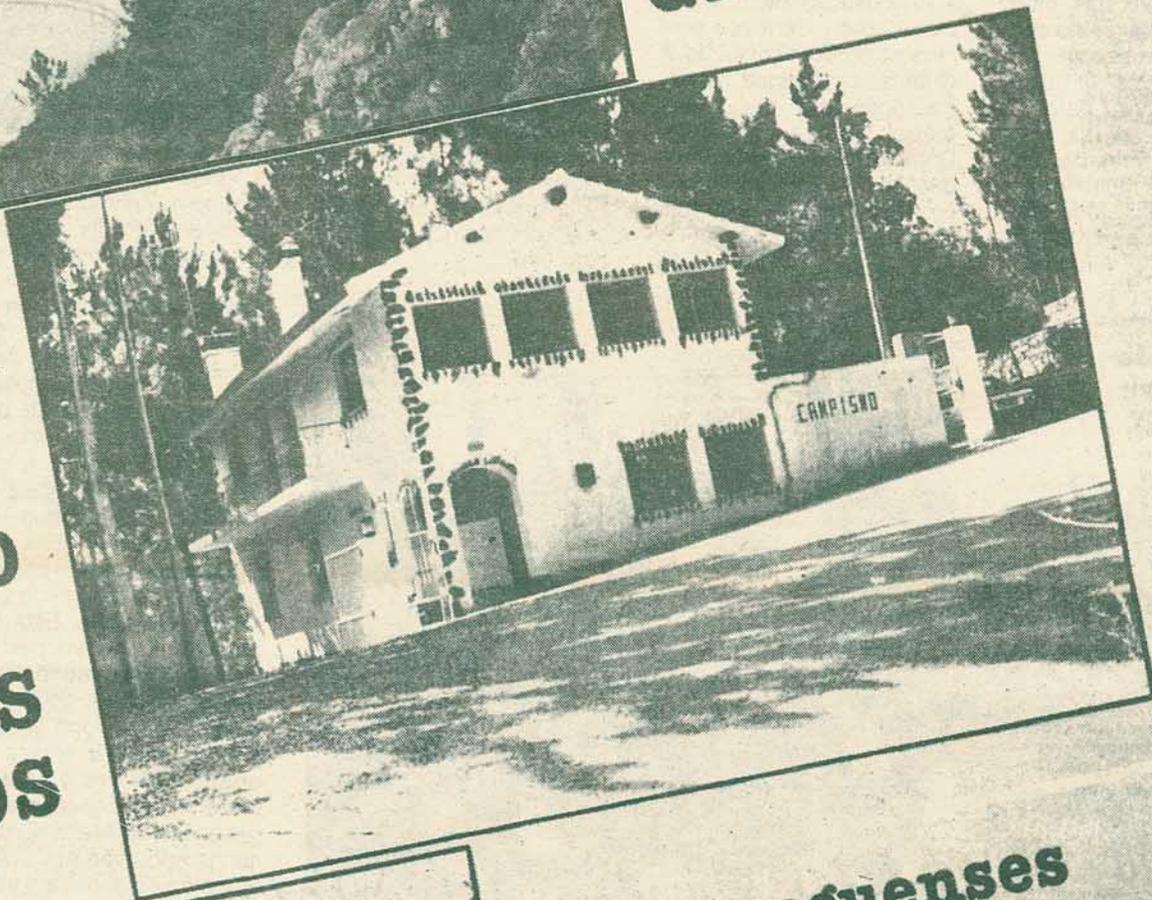
PEDRÓGÃO GRANDE



**PESCA
DESPORTIVA**

CAMPISMO

**DESPORTOS
NÁUTICOS**



Os pedroguenses
são gente
simples, paciente
e hospitaleira



Câmara Municipal de Pedrógão Grande
Largo da Devesa
3270 PEDRÓGÃO GRANDE

ESCOLA TECNOLÓGICA E PROFISSIONAL DA ZONA DO PINHAL - CONTRIBUTO PARA O

Por João Marques

- ASSENTO DE NASCIMENTO

Criada ao abrigo do Dec. Lei 26/89 de 21 de Janeiro, a escola Tecnológica e Profissional da Zona do Pinhal, sita em Pedrógão Grande (Portaria n.º 706/90) teve como promotor a associação dos Bombeiros Voluntários e como colaboradores na sua implementação a Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente Sr. Manuel Henriques Coelho (grande entusiasta e dinamizador do projecto). Está integrada na rede de Escolas Profissionais criadas e a criar pelo Ministério da Educação e do Emprego e Segurança Social, através do Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional (GETAP).

Começou a funcionar em Outubro de 1989 com os cursos de Contabilidade e Construção Civil (Medições e Orçamentos, Condução de Obras, Topografia e Desenho/Projectos de Construção Civil como especificações terminais) e 36 alunos, alargando a sua oferta em 1990 com o curso de Hotelaria-Recepção/Atendimento e 105 alunos no total. Neste momento, está aprovado o curso de Transformação e Preparação de Madeiras que entrará em funcionamento no próximo ano lectivo.

A previsão de frequência para os próximos anos rondará os 280 alunos/ano se atendermos ao número de turmas e número de alunos por turma previstos. Os alunos recebem formação cultural, científica e prática na

ETPZP. A prática no posto de trabalho é feita nas empresas que esboçaram ou irão estabelecer protocolos de colaboração com a Escola (estágios profissionais).

Qualquer dos cursos tem a duração de 3 anos lectivos (com estágio integrado) e conferem um diploma profissional de nível 3 (técnico qualificado ou intermédio) e um diploma do 12º ano de escolaridade (Dec. Lei 26/89), o que permitirá ao jovem o prosseguimento dos estudos no Ensino Superior Universitário ou Superior Politécnico, a

ETPZP já estabeleceu protocolos com a Escola Superior de Tecnologia de Tomar (Instituto Politécnico de Santarém) e com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria (Instituto Politécnico de Leiria).

Tem acesso aos nossos cursos, os alunos que comprovem possuir o 9º ano de escolaridade ou equivalente e idade inferior a 25 anos.

Frequentam a ETPZP alunos dos concelhos de Pedrógão Grande, Figueiró do Vinhos, Sertão, Ansião, Alvaiázere, Pene-la, Arganil, Mortágua, Vila de Rei, etc.



Escola Tecnológica e profissional em Pedrógão Grande

DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO

A ultrapassagem das assimetrias regionais não é possível se as regiões menos desfavorecidas não apostarem fortemente na formação qualificada e acelerada dos seus recursos humanos. Podemos repeti-lo no que diz respeito às empresas: que modernização se não tiveram ao seu dispor os técnicos especializados capazes de a implementar e concretizar?

Conveçamo-nos que se não investimos nos recursos humanos, na inteligência, na competência, jamais poderemos ambicionarmos atingir os níveis de desenvolvimento das regiões mais ricas da Europa.

Porque acreditamos que o desenvolvimento sustentado e equilibrado da nossa região é possível apesar das contrariedades, criamos esta Escola Profissional, cujo objectivo é o de responder a muitos dos problemas que a afectam e que ainda carecem de resolução: mão de obra qualificada, mercado de trabalho, revitalização dos sectores produtivos, captação de investimento para o concelho e para a região.

Porventura surgirá a interrogação: será que a estrutura empresarial do concelho ou da região justificará a existência duma Escola Profissional? Concordamos que as estruturas produtivas existentes estão desactualizadas ou, pura e simplesmente não existem. Mas, esperam que elas se modernizem por si, ou que novas empresas se fixem para pos-

teriormente formar os seus técnicos, pareceu-nos ser uma má estratégia. Optamos por avançar na formação profissional esperando que, com a futura existência de técnicos especializados, os investidores apostem mais na nossa região, descubram as suas potencialidades. Esta estratégia pressupôs a questionável inventariação das actuais necessidades de formação e o prognóstico das áreas de actividade susceptíveis de maior desenvolvimento e investimento, por forma a estabelecermos prioridade na abertura dos nossos cursos. Assim, consideráveis que quatro grandes áreas mereciam toda a nossa atenção e esforço:

- **A Contabilidade**, porque qualquer empresa precisa de técnicos altamente qualificados nestas funções de trabalho.

- **A Construção Civil**, porque sendo um dos sectores produtivos mais importantes da nossa economia e que emprega mais trabalhadores, é ao mesmo tempo aquele que mais carece de mão de obra qualificada.

- **As Madeiras**, porque estamos situados numa zona riquíssima neste produto e não temos sabido aproveitá-lo. A criação de valor acrescentado, de riqueza para a nossa região, passa pela modernização das empresas que operam neste sector e pela captação de outras, o que, por sua vez, passa pela oferta de trabalho qualificado e inovador.

- **Hotelaria/Turismo**, porque a nossa região é de certeza, uma

das mais belas do País e com um maior potencial de crescimento. Para que se concretize, necessitamos de técnicas à altura das exigências que o futuro nos trará.

Do dinamismo da nossa Escola, dos mecanismos de aproximação à comunidade e às empresas, nascerão outras hipóteses de intervenção em outras áreas de formação, de acordo com as necessidades do mercado de trabalho e das aspirações e interesses dos jovens da região.

Por tudo isto, acreditamos que, apesar dos cépticos e dos tradicionais "Velhos do Restelo", a Escola Tecnológica e Profissional da zona do Pinhal poderá ser a breve prazo, um dos principais pólos dinamizadores da economia da região, tal como já é hoje um local privilegiado de formação/educação pessoalidade e competente (graças à qualidade superior do seu corpo docente). Pretendemos formar profissionais que façam parte dos agentes essenciais à mudança e inovação tecnológicas nas várias actividades e serviços, indispensáveis ao desenvolvimento económico, social e cultural do concelho e da região. Para isso, terão de ser culturalmente abertos, cientificamente aotos e tecnicamente competentes.

JULGAMOS ESTAR A ATINGIR ESTES OBJECTIVOS

João Marques

CAMARA MUNICIPAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

Secretaria EDITAL

LICENCIAMENTO DE OPERAÇÕES DE LOTEAMENTO

SEM OBRAS DE URBANIZAÇÃO CONCESSÃO DE ALVARÁ

MANUEL HENRIQUES COELHO, PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL SUPRA, FAZ SABER, EM CUMPRIMENTO DO DISPOSTO NO Nº 3 DO ARTIGO 47º DO DECRETO LEI Nº 400/84, DE 31 DE DEZEMBRO, QUE POR DESPACHO DO PRESIDENTE DE 3 DE ABRIL DE 1991, FOI CONCEDIDO A JOSÉ HENRIQUES BARRA, CASADO, RESIDENTE NO LUGAR DE VAL DE GOIS, FREGUESIA E CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE, O ALVARÁ DE LOTEAMENTO URBANO NA FORMA DE PROCESSO SIMPLES, Nº 02/91, AOS PREDIOS RUSTICOS, SITOS NO LUGAR DE GOIS DA FREGUESIA E CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE, COM AS SEGUINTE CONFRONTAÇÕES: PREDIO RUSTICO NORTE COM CESARIO ANTUNES PINTO, SUL COM ARRUAAMENTO NASCENTE COM FRANCILINO ANTUNES DAVID E DO POENTE COM CESARIO ANTUNES PINTO, E PREDIO RUSTICO NORTE COM ARRUAAMENTO SUL COM O CAMINHO NASCENTE COM ADELINO PEREIRA MARQUES E DO POENTE COM A ESTRADA INSCRITOS NA MATRIZ PREDIAL SOB O ARTIGO Nº 16425, FICANDO SUJEITO AS SEGUINTE

PRESCRIÇÕES: NUMERO TOTAL DE LOTES APROVADOS SETE, NUMERADOS DE UM A SETE, O LOTE Nº 1 DESTINA-SE AS CAVALARIÇAS DA GNR, E OS RESTANTES LOTES DESTINAM-SE A CONSTRUÇÃO DE MORADIAS UNIFAMILIARES, ISOLADAS COM O MAXIMO DE PISOS 2, E NUMERO DE FOGOS 1, E COM AS AREAS DE 704 m2, 720 m2, 728 m2, 829,50 m2, 1008 m2, 1113 m2, 1222,50 m2, RESPECTIVAMENTE A AREA DE 85,50 m2, CEDENCIA PARA UMA SERVENTIA.

NAO HA LUGAR A OBRAS DE URBANIZAÇÃO, PARA CONHECIMENTO GERAL SE PUBLICA O PRESENTE QUE VAI SER AFIXADO NOS PAÇOS DO MUNICIPIO, E PUBLICADO EM JORNAL MAIS LIDO NA AREA E NA III SERIE DO DIARIO DA REPUBLICA.

E, EU (assinatura ilegível), CHEFE DA REPARTIÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL, O SUSCREVI, PAÇOS DO CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE 5 DE ABRIL DE 1991

O PRESIDENTE DA CAMARA
a) Manuel Henriques Coelho

JORNAL "A COMARCA" DE DIA 15 DE ABRIL DE 1991

CAMARA MUNICIPAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

Secretaria EDITAL

LICENCIAMENTO DE OPERAÇÕES DE LOTEAMENTO SEM OBRAS DE URBANIZAÇÃO CONCESSÃO DE ALVARÁ

MANUEL HENRIQUES COELHO, PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL SUPRA,

FAZ SABER, EM CUMPRIMENTO DO DISPOSTO NO Nº 3 DO ARTIGO 47º DO DECRETO LEI Nº 400/84, DE 31 DE DEZEMBRO, QUE POR DESPACHO DO PRESIDENTE DE 3 DE ABRIL DE 1991, FOI CONCEDIDO A JOSÉ HENRIQUES BARRA, CASADO, RESIDENTE NO LUGAR DE VAL DE GOIS, FREGUESIA E CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE, O ALVARÁ DE LOTEAMENTO URBANO NA FORMA DE PROCESSO SIMPLES, Nº 02/91, AOS PREDIOS RUSTICOS, SITOS NO LUGAR DE GOIS DA FREGUESIA E CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE, COM AS SEGUINTE CONFRONTAÇÕES: PREDIO RUSTICO NORTE COM CESARIO ANTUNES PINTO, SUL COM ARRUAAMENTO NASCENTE COM FRANCILINO ANTUNES DAVID E DO POENTE COM CESARIO ANTUNES PINTO, E PREDIO RUSTICO NORTE COM ARRUAAMENTO SUL COM O CAMINHO NASCENTE COM ADELINO PEREIRA MARQUES E DO POENTE COM A ESTRADA INSCRITOS NA MATRIZ PREDIAL SOB O ARTIGO Nº 16425, FICANDO SUJEITO AS SEGUINTE

PRESCRIÇÕES: NUMERO TOTAL DE LOTES APROVADOS SETE, NUMERADOS DE UM A SETE, O LOTE Nº 1 DESTINA-SE AS CAVALARIÇAS DA GNR, E OS RESTANTES LOTES DESTINAM-SE A CONSTRUÇÃO DE MORADIAS UNIFAMILIARES, ISOLADAS COM O MAXIMO DE PISOS 2, E NUMERO DE FOGOS 1, E COM AS AREAS DE 704 m2, 720 m2, 728 m2, 829,50 m2, 1008 m2, 1113 m2, 1222,50 m2, RESPECTIVAMENTE A AREA DE 85,50 m2, CEDENCIA PARA UMA SERVENTIA.

NAO HA LUGAR A OBRAS DE URBANIZAÇÃO, PARA CONHECIMENTO GERAL SE PUBLICA O PRESENTE QUE VAI SER AFIXADO NOS PAÇOS DO MUNICIPIO, E PUBLICADO EM JORNAL MAIS LIDO NA AREA E NA III SERIE DO DIARIO DA REPUBLICA.

E, EU (assinatura ilegível), CHEFE DA REPARTIÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL, O SUSCREVI, PAÇOS DO CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRANDE 5 DE ABRIL DE 1991

O PRESIDENTE DA CAMARA
a) Manuel Henriques Coelho

JORNAL "A COMARCA" DE DIA 15 DE ABRIL DE 1991

CONSERVATORIA DO REGISTO COMERCIAL DE FIGUEIRO DOS VINHOS ALTERAÇÃO PARCIAL DO CONTRATO SOCIAL

No dia onze de Março de mil novecentos e noventa e um, no Cartório Notarial de Castanheira de Pera, perante mim, José António Riques Correia da Silva, respectivo notário, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO JOSÉ ANTUNES DOS SANTOS casado com Alice Antunes Henriques no regime de comunhão geral de bens natural e residente na Vila e concelho de Castanheira de Pera e SEGUNDO HUMBERTO MANUEL HENRIQUES DOS SANTOS casado com Clarinda Correia Henriques Pereira dos Santos no dito regime de bens natural e residente na referida Vila de Castanheira de Pera

Verifiquei a identidade dos outorgantes por conhecimento pessoal e POR ELES FOI DITO

Que são os únicos sócios da sociedade comercial por quotas com a denominação "SÓCIOS-DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTARES E BEBIDAS, LIMITADA", com sede na Vila de

Castanheira de Pera, constituída por escritura pública outorgada neste Cartório Notarial no dia vinte e oito de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e nove, exarada com início a folhas setenta verso do livro de notas para escrituras diversas número cento e setenta, pessoa colectiva com numero 502 161 027, matriculada na Conservatoria do Registo Comercial de Figueiro dos Vinhos sob o numero duzentos e oitenta e cinco, com o capital social integralmente realizado e subscrito em dinheiro de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS

Que pela presente escritura ALTERAM o artigo segundo do contrato social dando-lhe a seguinte nova redacção

ARTIGO: SEGUNDO: O objecto da sociedade é a distribuição de produtos alimentares e bebidas e ainda de produtos quimicos

JORNAL "A COMARCA" DE 15 DE ABRIL DE 1991

CAMPEONATO DISTRITAL DE FUTEBOL DE LEIRIA

Distrital 1ª Divisão

ZONA NORTE

Resultados

Avelarenses - Fig. Vinhos 2 - 2
Vieirense - Motor Clube 3 - 1
Unidos - C. Couce 0 - 0
Barracão - Alvaiázere 0 - 1
Garcia - Bidoerense 1 - 1
Caranguejeira - 22/Jun/Amor 1 - 2
Arcuda - P. Vieira 2 - 1

Classificação

	J	V	E	D	P
Alvaiázere	21	14	4	3	53
Bidoerense	21	13	5	3	52
Vieirense	21	12	7	2	52
22/Jun/Amor	21	12	5	4	50
Fig. Vinhos	21	10	8	3	49
Arcuda	21	6	9	6	42
Unidos	21	6	8	7	41
C. Couce	21	6	6	9	39
Garcia	21	6	6	9	39
P. Vieira	21	5	7	9	38
Barracão	21	5	4	12	35
Caranguejeira	21	4	6	11	35
Avelarenses	21	3	7	11	34
Motor Clube	21	2	4	15	29

Próxima Jornada

Motor Clube - Fig. Vinhos
C. Couce - Vieirense
Alvaiázere - Unidos
Bidoerense - Barracão
22/Jun/Amor - Garcia
P. Vieira - Caranguejeira
Arcuda - Avelarenses

Distrital 2ª Divisão

Série A

Resultados

Vermoil - Pedrogueense 3 - 2
Cabaços - Pelarga 0 - 1
Pousaflores - Ranha 2 - 2
Almagreira - Ramalhais 1 - 1
Redinha - C. Pera 1 - 0

Classificação

	J	V	E	D	P
Pelarga	15	13	2	0	43
Ramalhas	15	7	7	1	36
Vermoil	15	8	3	3	34
Cabaços	15	7	2	2	31
Pedrogueense	15	6	3	6	30
C. Pera	15	6	2	7	29
Almagreira	15	3	5	7	26
Redinha	15	4	5	6	26
Pousaflores	15	2	5	8	24
Ranha	15	1	4	10	21

Próxima Jornada

Pedrogueense - Redinha
Pelarga - Vermoil
Ranha - Cabaços
Ramalhais - Pousaflores
C. Pera - Almagreira

CONVERSANDO COM O DR. FRANCISCO BRANCO

Perante a notícia dada no nosso número anterior quanto à hipotética saída de Castanheira de Pera, do Dr. Francisco Branco, médico conceituado a exercer uma parte da sua actividade nesta Vila e ainda na sequência de um abaixo assinado onde a nossa população vincava a vontade na sua permanência, decidimos fazer uma entrevista, a que prontamente acedeu. Saboreamos o piteu no novo restaurante do Sr. Joaquim da Volta da Estrada, e simultaneamente fomos conversando. Uma conversa muito interessante e animada da qual passamos a transcrever.

UNS MOMENTOS NA SUA VIDA

FRANCISCO GOMES BRANCO, nasceu em 1947 em Silva Porto, Angola, é casado em segundas núpcias, tendo apenas duas filhas do seu primeiro casamento, uma com 18 que está em engenharia electro-



técnica e outra com 20 que está nos paramédicos na área de radiologia. Além de médico de Clínica Geral também é Engenheiro Técnico Agrário.

Saiu de Angola com 17 anos, formando-se em Engenharia Técnica Agrária na Escola de Regentes Agrícolas em Coimbra, regressando a este país, na altura provincia ultramarina portuguesa em 1969, onde se manteve no Centro Zootécnico do II-VA até 1974. O processo político de independência daquele país e a insegurança que se constatava, obrigou-o a abandonar Angola em 1975 na famosa ponte aérea.

Já em Portugal, entrou na Junta Nacional dos Produtos Pecuários, frequentando o Curso de Medicina como trabalhador estudante, acabando por formar-se em 1983, fazendo em seguida no Centro Hospitalar de Coimbra o Internato Geral. Após atingir o grau de Clínica Geral em Setembro de 1985, esteve no Serviço de Nefrologia e diálise no mesmo Centro até Janeiro de 87. E é a partir de Agosto deste ano que os primeiros laços o unem à nossa zona, já que no concelho de Figueiró dos Vinhos fez a substituição dos médicos em férias. Neste ano ainda viria a ser tarefeiro no serviço de urgências no Centro Hospitalar de Coimbra e da Mealhada bem como em Castanheira de Pera no Centro de Saúde, onde se manteve até Abril de 88, desconhecendo ainda hoje as razões por que daí saiu.

Iniciou funções no Centro de Saúde de Figueiró dos Vinhos na sua extensão da Aguda, como tarefeiro com 20 horas semanais a partir de Fevereiro de 1989 e em Maio de 90 foi convidado a fazer mais 20 horas semanais em Castanheira de Pera.

Neste momento aqui se marrem no Centro de Saúde de Castanheira de Pera e da Aguda, bem como continua a servir a população com um consultório particular no Souto do Vale.

Teremos adiante outras informações que não deixarão de complementar algumas dúvidas que porventura existam.

A HISTÓRIA DO ABAIXO ASSINADO

"foi uma resposta da nossa população às carências que existem"

Sobre o abaixo assinado disse-nos: "Não deixei de ficar surpreendido com esta atitude popular. Foi uma situação pontual, e que me leva a crer não ser muito comum, já que a população através deste meio quis fazer ciente a sua vontade na minha permanência nesta terra. Contudo, penso que foi uma resposta às carências do nosso concelho, o que não deixa de ser preocupante pelo que ela em si traduz."

Paulo Marçal: - Foram diversas as interpretações que se fizeram enquanto o abaixo assinado decorria, algumas rízes. Contudo, não deixou de se parar a existência de perseguições à sua presença em Castanheira de Pera. Achá-se perseguido?

Dr. Branco: - directamente, directamente não tenho, dizia, justificadamente que sinto pressão

bloqueio das horas extraordinárias a dedicar às urgências, pelo que nos temos de cingir a esta realidade. A dificultar, as baixas e férias dos médicos não deixaram de criar maiores embaraços. Nos outros aspectos que questionou quanto ao Centro de Saúde ficar entregue em determinados períodos ao pessoal de limpeza, e como já referi, não sou a pessoa indicada para falar nisso.

Paulo Marçal: - Constatamos que numa grande parte das consultas nada cobra no seu consultório particular, bem como ainda oferece os medicamentos. Considera-se um benemérito?

"entendo não exigir a uma pessoa de baixos recursos económicos os meus honorários"

Dr. Branco: - Não! Acontece que tenho essa preocupação, porque entendo não exigir a uma pessoa de baixos recursos económicos os meus honorários. Uma atitude puramente humana. Quanto aos medicamentos, e co-



Dr. Branco, depois de um dia exaustivo regressa ao seu lar.

que a sala de operações é em Coimbra, tem razão de ser?

Dr. Branco: - Bem, nós temos que compreender que por muita vontade que tenhamos em resolver determinadas situações, aqui não as podemos resolver. Contudo há casos simples que aqui podemos solucionar sem necessariamente recorrermos a Coimbra. Enfim Coimbra é a nossa retaguarda.

Paulo Marçal: - É do nosso conhecimento que são feitas acusações à senhora que colabora consigo no consultório particular quanto ao facto de estar a usufruir duas remunerações: uma da função pública e outra privada.

Dr. Branco: - Conhecendo como conheço Castanheira de Pera na sua orgânica e ambiente, deliberei não tomar qualquer decisão quanto à colaboração da Sra. Manuela, funcionária do Centro de Saúde de Castanheira de Pera, sem primeiro confirmar a nível jurídico, as implicações que pudessem causar, já precisamente prevenido estas situações. Informe-me mesmo junto da A.R.S. de Leiria. Atendendo

Dr. Branco: - Antes de lhe responder tenho que fazer um pequeno esclarecimento. Como Engenheiro Técnico Agrário estava ligado ao Ministério da Agricultura, a quem requeri licença sem vencimento de forma a ser-me possível exercer medicina. Neste momento em Castanheira

"a Sra. Manuela é acusada sem qualquer fundamento"

a que a senhora está sem remuneração, está porque também gosta de colaborar e apoiar. E uma pessoa que toda a gente tenta contactar no hospital independentemente de ser relacionado com o médico a, b, c ou d. E pelo menos uma senhora que tenta ajudar e apoiar as pessoas.

No princípio entendiam que deveria a Senhora Manuela requerer autorização superior para exercer esta dupla função, contudo, não beneficiando de remuneração provada, nem quando o horário com o do hospital, entendeu-se não ser necessário.

E de lamentar, é que no meio disto tudo, partindo não sei de quem, - é o que creio, aqui não se pode fazer nada, porque logo

"não passam de boatos as acusações que fazem"

somos combatidos e quando não se faz também somos, enfim, a tal expressão popular: e-se preso por ter e não ter cão - tenham surgido já, alguns boatos, chamemos-lhe mesmo assim, de acusarem a senhora, inclusive de que os impressos do Centro de Saúde estavam a ser utilizados no meu consultório particular. Realmente so se eu não tivesse bom senso nem responsabilidades é que faria isso. Mas muitas mais acusações fizeram; até de renovações de baixas entre outras que fazia no consultório particular e não no hospital. Não misturo as situações. Sei distinguir-las e respeitá-las. E de lamentar apesar de não abalar. Julgam que aqui tenho a árvore das patacas e tentam também nesta perspectiva prejudicar a senhora, para que logo fique um lugar à disposição.

"as consultas domiciliárias têm enquadramento legal?"

Paulo Marçal: - Sabemos que faz consultas domiciliárias. Tem esta situação enquadramento le-

directa ou que alguém me disse

"há maneiras de se fazerem pressões sem que com isso se possam responsabilizar, b ou c"

que estava a mais? Não mas, há maneiras de se colocar os problemas, há maneiras de se fazerem pressões sem que com isso as pessoas possam responsabilizar a, b ou c. Que é uma verificação

que é constatada, sim, mas desconheço as razões. E um bocado difícil na medida em que poderá haver uma reacção da própria população nesta situação que motivada pelo seu isolamento tende também a divagar nas suas conjecturas. Mas directamente como disse não há.

Paulo Marçal: - Uma situação que muito preocupa a nossa população é o facto de que quando se dirigem as urgências, na maioria dos casos não estarem lá médicos e naiguns casos nem enfermeiras, ficando o hospital entregue ao pessoal de limpeza. Como se explica isto?

Dr. Branco: - Há situações que não estou habilitado a pronunciar - me, já que não dependem de mim, antes sim, das entidades competentes, a quem o convido a dirigir-se nestas questões. Contudo, entendo dar algumas explicações que as pessoas desconhecem: há uma justificação no caso dos médicos. De facto o numero de médicos não é o suficiente e por tal facto estes não conseguem cobrir as horas das urgências, agravado com a situação de que cada horário de 35 horas só permitem atribuir um limite x de horas extraordinárias e se por vezes o numero de médicos não consegue cobrir a semana toda, isso implica que haja esta dificuldade. Apesar de dizerem que o numero da população é suficiente para o numero de médicos, somos limitados pelo

"não sou a pessoa indicada para falar das urgências"

mo é do conhecimento geral, os laboratórios

"Não sou benemérito. Tenho apenas uma atitude puramente humana"

oferecem-nos muitos. Aproveito também este privilégio de alguns colegas e como dou as minhas consultas até horas tardias, necessitando alguns doentes uma toma imediata, ofereço nesta perspectiva a primeira embalagem, aproveitando simultaneamente a validade que os medicamentos detêm.

Paulo Marçal: - Estas atitudes remetem-no a uma grande dedicação pela sua actividade!

Dr. Branco: - Sem dúvida! Vivo muito a minha profissão, e a paixão que sustento leva-me a estas razões. Aliás, tem sido preocupação minha, no consultório particular, cobrir as despesas que dali advem, e pouco mais.

"o apoio da Câmara Municipal é fundamental para que possa aqui criar uma endoscopia, electrocardiografia e estomatologia"

Paulo Marçal: - Projectos pessoais para Castanheira de Pera?

Dr. Branco: - Sim, tenho em vista uma endoscopia com convenção, electrocardiografia e a médio prazo estomatologia. Para que se seja possível: este projecto é implicito o apoio e avda Câmara Municipal de Castanheira de Pera. É uma oportunidade para o nosso concelho, a aproveitar enquanto as convenções estiverem abertas.

Paulo Marçal: - A expressão sobejamente conhecida em Castanheira de Pera de que temos o maior hospital do mundo, já

gal, uma vez que que pode confundir a sua acção particular com a do Centro de Saúde?

Dr. Branco: - Quer-se fazer crer que um médico em exclusividade não pode fazer consultas domiciliárias. Pode sim através do Centro de Saúde, desde que o doente pertença ao seu ficheiro, como médico de família, não podendo como é lógico cobrar quaisquer honorários, já que estas consultas são gratuitas, nem efectuar consultas a doentes de outros médicos. E eu como não estou na exclusividade posso fazer tudo.

"como não estou na exclusividade posso fazer tudo"

Mas acrescento, ainda dentro de algumas dúvidas que se levantam, adianto que posso fazer tratamentos, observações e continuação no atendimento a doentes em consequência de acidentes ou doenças que envolvam os seguros.

Paulo Marçal: - Neste momento e em termos do nosso hospital qual é a sua situação?

Dr. Branco: - Antes de lhe responder tenho que fazer um pequeno esclarecimento. Como Engenheiro Técnico Agrário estava ligado ao Ministério da Agricultura, a quem requeri licença sem vencimento de forma a ser-me possível exercer medicina. Neste momento em Castanheira

de Pera, estou no regime de contrato a prazo, renováveis ano a ano.

"estou na Castanheira de Pera como um tapa furos, ao preencher o lugar deixado pela Dra. Regina"

A minha licença sem vencimento de longa duração, como é designado, é de 3 anos. Daqui a um ano tenho que efectuar a renovação da licença quer do contrato a tempo certo com o Ministério da Saúde, como da licença sem vencimento com o Ministério da Agricultura.

E a minha presença no Centro de Saúde de Castanheira de Pera, deveu-se à saída da Dra. Regina, pelo que aqui estou como um tapa furos, mantendo-se ambiguo neste âmbito o meu futuro no Hospital.

E foi deste modo a nossa conversa, que resumimos, já que o dialogo se alongou por três horas e meia, ficando mesmo assim muita coisa por dizer.

Regressaremos aqui, sempre que possível, nesta área de conversa.

Entrevista conduzida por Paulo Marçal

DEPOIS DE ABRIL...

Dentro de dias assinalam-se 17 anos passados sobre o 25 de Abril.

O que fizeram os portugueses da madrugada agarrada em Abril com esperança, com ansia e com cravos?

Uma geração de homens e mulheres que calcorream por dentro das manhãs com tédio e desconfiança, anos a fio, despertaram para o sonho do futuro, ali mesmo roçando os dedos. Outra geração mais moça irrompeu no dia emprestando o entusiasmo duma dança com ritmo e o vigor capaz de desmoronar as barreiras maiores e os estorvos mais fortes. Uma outra geração ainda nascia ali, em Abril, aureolada de flores.

Que sonho, que dança e que flores se agitam hoje? Não podemos recusar a História e aceitar a amnésia dum tempo que é nosso, de que todos sem excepção, duma maneira ou doutra, fomos agentes.

Aquela data que a ninguém deixou indiferente deve ser repensada. Por todos outra vez.

Há que encontrar o caminho mais largo que reconduza ao sonho - para quem o perdeu.

Há que rejuvenescer os espiritos na busca dum ritmo renovado - para quem se cansou.

Há que fertilizar as flores - para que não murchem.

Em Abril há sempre uma Primavera. Não podemos deixar tombar a esperança que percorre o intimo de cada um de nós - para não desfalecermos também. E aqui "nós" somos todos. E se não formos todos, que sejamos a maioria maior.

Importa repensar Abril. Devemo-nos esse esforço, nos que temos a responsabilidade histórica do nosso tempo. Exigimo-lhe.

Há que perspectivar a madrugada de Abril num horizonte a recriar.

Com IMAGINAÇÃO. E flores, ainda...



COSTA MARTINS UM CAPITÃO DE ABRIL ESQUECIDO...

O movimento dos capitães que desencadeou o processo revolucionário do 25 de Abril, transportava consigo, como é timbre de todos os movimentos com idênticos propósitos de transformação das estruturas políticas, sociais e económicas

tória do 25 de Abril e da sua paternidade ainda está por escrever - para definitivamente se destronarem os mitos.

Com o mesmo sentido de contra-corrente com que desembainhamos o sabre, durante o frenesi revolucionário, para cen-

guerra estava a ser conduzida (mais tarde discordaria com a forma como a descolonização se processou). Quando das eleições em que o General Humberto Delgado se candidatou à Presidência da República, assumi publicamente o apoio que lhe prestei - e arqueei depois com as inerentes consequências. Por 3 vezes sucessivas fui impedido pelo anterior regime de ingressar na Academia Militar. Só o consegui mais tarde com o início da guerra colonial, tendo ficado sempre em primeiro lugar em todos os cursos frequentados.

Quando à organização do Movimento das F. Armadas devo dizer que ainda está por escrever a sua História, a História do 25 de Abril e da sua verdadeira paternidade. Poderei apenas adiantar que fui o primeiro militar dos 3 ramos das Forças Armadas a ser alvo de medida repressiva por actividades de organização do "Movimento dos

vencimentos ou pensões nem foi prestada qualquer espécie de assistência social, tanto a mim como a meus filhos, o que nos forçou a serias privações e a ter de recorrer à alienação dos meus bens e de parte dos bens de meus pais, por ser filho único. Intentado recurso contra o C.E.M.F.A. foi, pelo Supremo Tribunal Administrativo declarada a nulidade daquela alegada demissão, por unanimidade dos Excmos. Conselheiros e com apoio do próprio Ministério Público. De tal Acórdão recorreu o CEM/FA para o Pleno do Supremo Tribunal Administrativo onde ainda se encontra a aguardar julgamento.

C. - Acha-se vítima de uma injustiça?

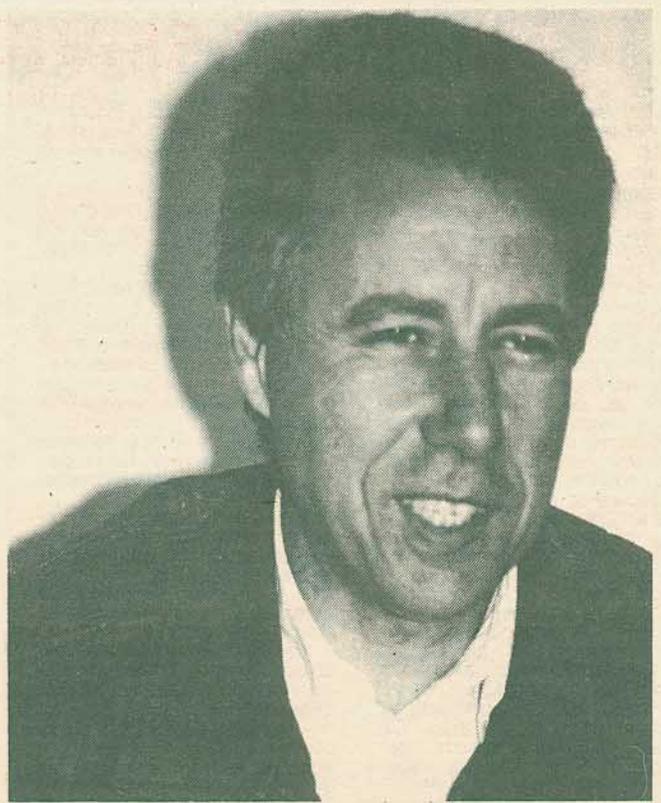
M.C.M. - O meu caso é um mero exemplo pontual, porventura dos mais gritantes. Contudo e infelizmente não é o único em matéria de situações altamente

"Ainda está por escrever a História do 25 de Abril e da sua verdadeira paternidade"

de um país, a generosa utopia de patrocinar a justiça social, a democratização, o desenvolvimento e o bem estar para todos.

No rasto desse movimento e da euforia sem peso nem medida que se lhe seguiu, muitos erros históricos pontuam e muitas e graves injustiças se cometeram, na rede das quais acabaria

surar os desmandos que então se cometiam e os seus autores (e o nosso entrevistado também foi objecto de algumas censuras), tornamos agora a navegar sem vento de feição para com a mesma veemência erguermos a força moral deste periódico contra a grave injustiça que é feita a um homem que caiu do pin-



VIDA MILITAR

- Curso da Academia Militar;
- Oficial Piloto-Aviador;

VIDA POLÍTICA

- Participante activo na organização do MFA;
- Membro da Comissão Coordenadora do MFA, constituída por sete elementos: 3 do exército, 2 da F. Aérea e 2 da Armada;
- Membro do Conselho dos Vinte;
- Membro do Conselho de Estado e depois do Conselho da Revolução;
- Ministro do Trabalho em quatro Governos provisórios;

ção de que não existem Tribunais a menos mas sim processos a mais. E há processos a mais em consequência da irresponsabilidade quase generalizada que existe no país, com sérios reflexos na própria vida política.

C. - Então os objectivos do 25 de Abril não foram alcan-

Ora, isso não se verifica minimamente, pelo que não pode dizer-se que se vive em verdadeira democracia. Se a liberdade de alguns é atravancada e espartilhada pela permitida libertinagem de outros, não pode dizer-se que existe uma verdadeira liberdade e, consequentemente uma verdadeira democracia. Também a justiça social, um outro objectivo do 25 de Abril ficou longe de ser atingida porquanto assiste-se a gritantes desigualdades, não só em termos individuais como em termos regionais em que as assimetrias são bem visíveis, o que compromete até o próprio desenvolvimento do país. A tão falada regionalização é reconhecida, parece que por todos, como absolutamente necessária, mas o certo é que, passados 17 anos, ela continua a ser discutida mas não praticada. Ora, sem regionalização não há desenvolvimento natural pois só os habitantes de uma região sentem as necessi-

"Estou sem receber vencimentos ou pensões ou qualquer espécie de assistência social para mim ou para os meus filhos, desde fins de 1975"

injustas e até mesmo desumanas, o que prova bem que os verdadeiros objectivos do 25 de Abril não foram atingidos em matéria de justiça, apesar desta constituir a base fundamental do bem-estar social. O problema da justiça é um dos mais graves, se não mesmo o mais grave problema existente em Portugal. E dele aproveitam os prevaricadores, constituindo em alguns casos quase um convite à infracção. Tenho ouvido apontar as mais variadas causas de tal situação nomeadamente a insuficiência do número de Tribunais. Contudo penso que não são essas as verdadeiras causas. Não há dúvida nenhuma de que, de uma forma geral, quer os magistrados, quer os funcionários judiciais trabalham muito para além do que seria normal exigir-lhes. Tem sido e continua a ser minha convic-

çados?

M.C.M. - Um importante objectivo do 25 de Abril era a democratização, mas não há democracia sem liberdade e não há liberdade sem responsabilidade

"O Chefe de Estado Maior da Força Aérea, Moraes da Silva, não se coibiu de cometer vários crimes de falsidade em documentos oficiais para tentar justificar a minha pretensa demissão"

A determinado grau de liberdade deve corresponder sempre um idêntico grau de responsabilidade.

daes concretas naturais, que devem ser satisfeitas. E sem desenvolvimento natural não há crescimento global harmonioso



por ser laçado o nosso próprio entrevistado, o Major JOSE COSTA MARTINS - ele que foi um capitão de Abril.

O ímpeto de forças marginais

caro dos seus ideais na realidade que hoje o tritura, sendo porventura o mais esquecido e a maior vítima dentre os capitães de Abril. Foi com esse homem que

"Fui vergonhosamente caluniado relativamente ao «Dia de Salário» sem que contudo algum processo tenha sido instaurado contra mim ou em que tenha sequer sido ouvido"

ao núcleo revolucionário e ao programa por este gizado, fez descarrilar em sucessivos apeadeiros ao tempo o comboio da esperança.

Verdade é que, descontadas as injustiças, poucos são os que não reconhecem algum mérito e alguma justificação a esse movimento. Dos partidos políticos com assento parlamentar nenhum recusa ouvir o 25 de Abril enquanto marco decisivo de mutação no país. É a História onde com serenidade nos remiramos que acaba por o exigir.

O hoje major Costa Martins foi (e é) um dos capitães de Abril. Segundo ele, a verdadeira His-

nós quisemos conversar para assim assinalar uma data que a ninguém deixa indiferente. Do longo diálogo que travámos, retivemos os seguintes pontos que decerto serão da curiosidade dos nossos leitores.

A COMARCA - Em que consistiu a sua participação contra o regime deposto? Resumiu-se a organização do MFA?

MAJOR COSTA MARTINS - Não antes disso insurri-me frontalmente de diversos modos e em diferentes ocasiões. Em 1969, encontrando-me em Angola, fui expulso, após 3 prisões, por discordar da forma como a

Capitães". Foi decretada a minha deportação em Fev/74 mas recusei embarcar.

C. - O seu nome anda associado a uma questão polémica: O "Dia de Salário". Quer esclarecer alguma coisa?

M.C.M. - Logo após o 25 de Novembro fui vergonhosamente caluniado relativamente ao "Dia de Salário" sem que, contudo, algum processo tenha sido instaurado contra mim ou que nele tenha sequer sido ouvido. Aliás, o único processo que teve lugar surgiu por exigência minha e já existem conclusões homologadas pelo então Ministro do Trabalho inocentando-me dessa cabala que foi montada com aleivosia.

C. - Mas após o 25 de Novembro foi demitido da Força Aérea...

M.C.M. - Pretensamente demitido pelo então Chefe de Estado Maior, Moraes da Silva, que, como Chefe do Estado Maior da Força Aérea não se coibiu de cometer vários crimes de falsidade em documentos oficiais para tentar justificar aquela pretensa demissão. Corre contra ele na Polícia Judiciária Militar o competente processo crime. A partir de então (fins de 1974) não mais me foram pagos quaisquer

DICIONÁRIO DE SAÚDE

A - Acidente Infantil (continuação)

- CHOQUES E QUEIMADURAS ELECTRICAS por manuseamento de tomadas, fichas e aparelhos eléctricos como: berbequins, batedeiras, secadores de cabelo, ferros de engomar entre outros.

Estes acidentes são sobretudo domésticos. A cozinha é o local onde se encontra um maior número destes aparelhos. Estes e os respectivos cabos nunca devem estar ao alcance das crianças, em especial as mais pequenas, não as deixando manusear os mesmos. Podem arranjar-se miniaturas dos mesmos que as entretêm (pequenos ferros de engomar...).

Nunca se deve deixar o ferro de engomar ligado, quando por alguma razão temos de interromper esta tarefa. Se a criança é pequena deve ser levada para o local onde formos. No final, retirar-se a ficha da tomada e deixar-se arrefecer em local seguro, fora do alcance das crianças.

Se não tiver em casa tomadas eléctricas de segurança, deve-se tentar adquirir, sobretudo se houver crianças pequenas. De qualquer forma a tomada, seja ela qual for não deve ser manuseada.

As crianças devem também conhecer e aprender a respeitar o sinal que refere perigo de choques eléctricos, que se encontram em postes de electricidade, início dos túneis do metropolitano (nas áreas proibidas ao público), nos terminais dos elevadores (habitualmente em terraços) etc.

- ENVENENAMENTOS

Muitos acidentes são causados por produtos de limpeza que são na sua maioria tóxicos: alguns provocam lesões na pele e nos olhos e outros são altamente inflamáveis. Nunca se deve guardar lixívia, insecticida, soda cáustica, etc., por baixo das lavatórios ou outros locais baixos. Devem ser colocados num armário fechado à chave fora do alcance das crianças.

Nunca se deve colocar detergentes junto de alimentos ou em recipientes que anteriormente os contiverem como por exemplo: frascos de doce. Elas poderão pensar que esses recipientes ainda contêm alimentos ou bebidas e ingerir o seu conteúdo. Também não se deve misturar lixívia com outros detergentes já que se pode formar um gás tóxico.

Em relação aos medicamentos, as precauções nunca são demais: devem também estar situados fora do alcance das crianças, tendo o cuidado de os guardar imediatamente após o seu uso. E sempre que se quiser desperdiçar algum, deve-se despe-

já-lo na sanita e deitar fora o frasco (nunca deixar no lixo frascos com medicamentos).

Em caso de envenenamento, deve telefonar-se para o Centro das Intoxicações de imediato. Os números encontram-se na 1ª página da lista telefónica.

- FERIMENTOS VARIOS

A tendência das crianças para correr de lado para o outro, faz com que se arrisquem a bater, por exemplo, contra portas de vidro o que se tornar perigoso porque se parte em fragmentos pontiagudos.

Não se deve permitir que brinquem com tesouras, facas, garrafas de vidro e outros objectos de risco.

Todas as ferramentas agrícolas ou outras são, na sua maioria pontiagudas, cortantes e por isso agressivos. Tal como as armas, elas devem ser guardadas numa divisão ou num armário fechado à chave.

Não se deve permitir que elas se aproximem de máquinas susceptíveis de provocar acidentes quando em actividade.

- INTOXICAÇÕES, por gás: de esquentador, de fogão e de aquecedores. Um moderno esquentador tem habitualmente uma boa tiragem de ar através de uma conduta e um sistema de bloqueio de gás no caso da chama se apagar. A vantagem de boa tiragem, e dispôr de uma entrada de ar suficiente e não utilizar o ar da própria casa. Tratando-se de esquentadores antigos, deve manter-se aberta uma porta ou uma janela, sempre que se encontrem em funcionamento, seja na cozinha ou na casa-de-banho.

A acumulação de gases de combustão entre os quais, o monóxido de carbono, é altamente tóxica. Quando se detectar qualquer anomalia no esquentador, deve mandar-se verificar por um técnico competente.

Não se deve colocar um fogão próximo a uma porta, pois os bicos poderão apagar-se com uma corrente de ar súbita. Assim que acabar de utilizar o fogão deve verificar a posição dos botões e deve ser fechada a torneira do gás.

- QUEDAS, de varandas, janelas, escadas, etc.

Sempre que haja crianças em andares com varandas, é aconselhável a vedação das mesmas.

É importante ensiná-las a descer escadas com segurança, devendo estas estar bem iluminadas já que as sombras e as zonas escuras podem induzir a erro. Não se deve deixar brinquedos ou outros objectos nas escadas e sempre que houver crianças pequenas, deve colo-

car-se grades de segurança ao cimo e se necessário ao fundo das mesmas. Deve atender-se ao facto de que os corrimões com grades horizontais leva a que elas tentem preparar por eles.

É sempre difícil proibir as crianças de treparem a árvores, muros, etc., por isso, é importante preveni-las acerca do que poderá acontecer.

- QUEIMADURAS, devido à manipulação de fósforos, líquidos e alimentos quentes, botijas de água quente,...

A preparação das refeições é, em principio, a actividade doméstica mais perigosa já que implica a utilização de fontes de calor e atrai as crianças.

Algumas placas de fogões eléctricos permanecem negras quando quentes e as crianças devem ser alertadas para esse facto. Quando o forno está ligado, até à temperatura exterior do fogão é suficiente para queimar a pele.

Para minimizar o risco da frigideira se incendiar subitamente quando ao lume, o óleo não deve exceder 1/3 da mesma.

Durante a preparação das refeições, as crianças mais pequenas estão mais seguras dentro de um parque à vista da mãe. Quando são mais crescidas, podem entreter-se com actividades sem perigo, como brincar com uma panela vazia, etc. Elas devem, contudo, ser protegidas de brincar com fósforos ou isqueiros. Deve-se também colocar todos os recipientes com alimentos quentes longe das extremidades da mesa. As bancadas de cozinha devem encostar-se próximas do fogão desta forma é reduzida a distância a percorrer com alimentos quentes, diminuindo o risco de se entornarem.

Na altura do banho, deve-se abrir primeiro a torneira da água fria para o caso das crianças caírem acidentalmente na banheira ou de entrarem nela subitamente num momento de distração.

Também nunca se deve deixar uma criança pequena sozinha num compartimento em que haja uma lareira acesa ou aquecedores, nem deixar junto destes trapos ou jornais.

Ainda para evitar queimaduras botijas de água quente na cama de uma criança.

A descrição dos inúmeros acidentes que podem ocorrer na vida das crianças ainda que exaustiva é sempre incipiente.

Tentou-se, mesmo assim, focar alguns aspectos mais relevantes num alerta que se resume numa só frase: a luta pela defesa da vida da criança.

Guida P. Teixeira

A COMEMORAÇÃO DO «DIA MUNDIAL DA FLORESTA»...

Em 21 de Março, comemorou-se o «Dia Mundial da Floresta», uma forma de lembrar aos homens que vivem no Planeta Terra, por enquanto o único onde entre os diversos seres, há um - O HOMEM que se apropria do Ambiente donde proveio.

O Ambiente ou Biosfera constitui o resguardo que permite a Vida sobre a terra onde se encontram todos os recursos indispensáveis à existência das comunidades, salientando-se os organismos verdes (simbolicamente a Floresta) que fornecem, por transferência, a energia captada do Sol que assegura o funcionamento do sistema trófico de que o Homem faz parte.

So, recentemente, o HOMEM apercebeu-se dessa evidência e daí terem surgido em alguns países europeus, certos movimentos sociais e políticos que têm vindo a insinuar-se contra a forma como têm sido utilizados os recursos naturais que já produziram em certos locais a deslocação e a morte. Mesmo em Portugal onde a industrialização não tem progredido como em alguns dos outros países euro-

peus, há correntes de água poluída que são, apenas, correntes de «morte» pois que toda a forma de vida (vegetal e animal) deixou de existir.

Em 1972, em Estocolmo, na possível previsão da derrocada do planeta terra que nos tem dado vida e guarida, realizou-se a «Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente. Ai foi acentuada a necessidade de alargar e aprofundar a todos os níveis, o estudo do Ambiente e da sua resposta às intervenções cada vez mais agressivas do Homem. No final, foi recomendado à UNESCO que chamasse a sua terefa de propor as medidas necessárias para estabelecer mundialmente um programa relativo ao Ambiente, de ensino interdisciplinar, escolar e extra-escolar, cobrindo todos os sectores de aprendizagem.

E, também foi estabelecido um programa científico intitulado «O Homem e a Biosfera» a que Portugal não aderiu.

Em 1977, reuniu-se em Tiblisi, na União Soviética, a primeira conferência intergovernamental em que foi aprovado que a Eco-

logia seria uma ciência sistemática de base, tendo em vista o funcionamento equilibrado e contínuo dos sistemas naturais e dos sistemas sociais. E, ainda que deveria ser integrada a Educação Ambiental em todos os programas de ensino fora e dentro da Escola.

Desta forma, o Dia Mundial da Floresta surge devido à necessidade que o Homem tem de preservar a Natureza onde vive e que o alimenta, além da transformação da energia solar que lhe é necessária. Contudo, a ansia de alguns pressiona-os no sentido de utilizar mais recursos naturais do que lhe são necessários, desperdiçando os excedentes.

Finalmente, no âmbito de «só há uma Terra», a legislação de quem «polui, paga» não tem cabimento. Todos os seres humanos devem respeitar a Biosfera de forma que a Vida seja para nós e para os nossos descendentes, sem o que será considerado um profundo egoísmo todas as outras formas de exploração dos recursos naturais.

Geleate António Canau

FOI UMA DESPEDIDA... NÃO UM ADEUS!

sem ela.

Ela sorri ainda como uma menina e tem um olhar azul imenso, que é o reflexo fiel da sua sensibilidade de mulher e enfermeira.

Trabalhou no Sanatório da Flamengo em Vialonga e no Sanatório do Outão em Setúbal.

Até à sua reforma encontrava-se no Hospital Pulido Valente, em Lisboa, na Chefia do Serviço de Cirurgia Torácica, com a Sra. Enfermeira Chefe Arminda Pereira da Silva. Foram elas e toda a equipe de enfermeiras, médicos e auxiliares de acção médica deste serviço e de otorinolaringologia, que rodearam o nosso MARÇAL aos melhores cuidados profissionais e dedicação humana.

JOVEM!

dos, os quais, os marcarão para o resto das suas vidas.

"Droga", uma das mais horribes saídas que eles pensam encontrar para os seus problemas, mas que aos poucos se vai tornando no maior abismo das suas vidas. Ai começam os roubos, a prostituição, este ciclo vicioso do qual a maioria não consegue sair.

O PORQUÊ destas atitudes? Por vezes, é só para chamar a atenção ou para contrariar e magoar os pais ou qualquer pessoa mais querida. Outras, é só para se afirmarem junto dos seus co-

Ele sentiu a luta desgastante em prol da sua vida e o carinho. Sentiu a fragueza da impotência e a força do querer.

Sentiu a dor dos tratamentos e o amor.

Também ela a enfermeira Cunha esteve presente a tratar, a acarinhá-la, a compreender, a sofrer. Mais uma vez muito obrigada.

As colegas dedicaram à colega Cunha um jantar de despedida no dia 15 de Abril, e ninguém conseguiu esconder o rastilho da saudade a começar a queimar.

Bem haja enfermeira Cunha!

GUIDA PIRES TEIXEIRA

São Ramos



MUNDOTEL
FRIBOTICA FRIZAIRE

TUDO PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA
EQUIPAMENTO COMPLETO PARA

- Restaurantes, Cervejarias, Pastelarias, Croissanterias, Self-Service, Cantinas, Snack-Bares, Hotéis, Refeitórios, Talhos, Etc...

RUA DA PASCOA, 58
1200 LISBOA
TELEFS. 65 57 52 - 65 82 67

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
TOROS PARA CELULOSE

António Marques & Filhos, Lda.

EXPORTAÇÃO,
INDÚSTRIA
E COMÉRCIO DE MADEIRAS

Telef. 45330 PEDRÓGÃO GRANDE

Indústria e Comércio de Madeiras

Serração Pedroguense, Lda.

Madeiras em Tosco, Aparelhadas, Tacos, Caixotarias, Lenhas e Materiais de Construção
revendedores da CIMPOR
Cimentos de Portugal EP

Telefone 036 - 45495

MÓ PEQUENA
3270 Pedrógão Grande

AS FORMALIDADES A OBSERVAR NOS CONTRATOS DE ARRENDAMENTO

As formalidades a observar nos contratos de arrendamento celebrados depois da entrada em vigor do D.L. 321/B/90, de 15 de Outubro, são semelhantes às que eram aplicadas aos contratos celebrados ao abrigo da lei anterior. Mas a nova lei consagra algumas novidades que importa saber.

1º Os contratos devem ser celebrados através de documento escrito, devidamente selado e assinado por ambas as partes. Não se exige o reconhecimento notarial.

As partes devem ser identificadas com clareza (nome completo, estado civil, naturalidade, residência habitual e nº de contribuinte).

Constituindo o arrendamento um acto de administração ordinária dos bens do casal, torna-se necessária a intervenção de ambos os cônjuges, proprietários.

Quando a pessoa do arrendatário, a celebração do arrendamento não requer consentimento de ambos. Todavia, a resolução ou denúncia da casa de morada de família terá de ser exercida contra ou por ambos.

A identificação e localização do prédio arrendado, ou da sua parte, deve ser correcta (menção do número do artigo matricial, descrição igual à que consta da caderneta predial, referência à Rua, número de polícia, lugar, freguesia e concelho).

Identificar também o quantitativo de renda, acompanhada da indicação da sua actualização

anual e, finalmente, a data da celebração do contrato.

2º Nos arrendamentos comerciais, maior formalismo nos contratos.

Os arrendamentos de prédios destinados ao exercício do comércio, indústria e exercício de profissão liberal devem ser celebrados através de escritura pública e ser registados. Também a mesma exigência para os arrendamentos para habitação com duração superior a 6 anos.

Sem a observância deste elemento, o arrendamento é nulo, invocável por qualquer interessado, sendo inclusivamente do conhecimento oficioso do próprio tribunal.

De agora em diante o privilégio, conferido ao arrendatário, de fazer prova do contrato por qualquer meio, acabou. A não redução do contrato de arrendamento comercial a escritura pública era sempre imputável ao senhorio e a respectiva nulidade só pelo arrendatário era invocável.

Na falta de documento escrito que titule o arrendamento, o locador deverá notificar judicialmente o arrendatário para comparecer em certo dia e hora num notário que indique, a fim de ser celebrada a escritura.

Optando o locador pela instauração de uma acção de despejo com base no incumprimento de alguma obrigação legal por parte do arrendatário, este já não poderá invocar a nulidade do correspondente contrato conducente à sua absolvição na acção.

MANUEL LOPES BARATA

A MÚSICA DE SANTANA LOPES

Nomeadamente em Janeiro de 1990 comissário para a Cultura do Governo de Cavado Silva. Pedro Santana Lopes só está a prejudicar a imagem de um Executivo que era suposto ir retocar. A sua administração tem sido catastrófica e, claro, será punido em Outubro pelas elites e agentes da Cultura.

Uma das primeiras brincadeiras deste jovem turco foi a bronca, ainda mal esclarecida, com Marim de Albuquerque, seu antigo professor na Faculdade de Direito, e que se demitira da presidência da Torre do Tombo na sequência de pressões para favorecer certa empresa de cadeiras com que dotar a nova Casa da memória nacional. Esta, precipitadamente inaugurada, está longe de responder a cem por cento e nem sequer estão completos os acessos exteriores. O caso passou para a secção dos leitores na

generalidade da imprensa, sendo este o primeiro membro do Governo que parece fazer mais política nos semanários que no gabinete da Avenida da República. Talvez seja o bichinho da fracassada experiência em O Liberal, Tempo, etc., cujos colaboradores aguardam melhor hora para se vingarem deste António Ferro em ponto pequeno.

Ainda a festa ia no adro, já faltava água nos museus da capital, que fechavam as portas. Acorrendo aqui e ali, qual bombeiro, resolvia na última a falta de verbas da Biblioteca Nacional, ameaçada pela EDP de ficar sem energia. O inverno dos leitores foi difícil. O regime de fotocópias, cada vez mais caras, fez-se restritivo e a própria sala de leitura mal se iluminava. Obras em mau estado multiplicam-se, não se actualiza o ficheiro - em fim uma tristeza.

Começava-se, entretanto, a observar algo de estranho. Santana Lopes seleccionava as suas aparições públicas, ocorrendo em momentos menos polémicos ou de circunstância e protocolo. Chamado já cinco vezes a Assembleia da República, não tem considerado Cavaco Silva util a presença do seu comissário. E

evidente que o Governo não quer vê-lo a fazer a figura que os amantes da música e do bailado já conhecem num processo que se agudizou nas últimas semanas. Cavaco Silva e Santana Lopes podem fazer figura, sim, na visita ao betão do Centro Cultural de Belém; Este pode, mesmo falar como sua RTP do Acordo Ortográfico de que nada sabe, embora, uma vez mais, a respectiva assinatura se pautasse pela precipitação. Mas como desentender-se com a Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos e permitir que operas como Rinaldo ou a voz de Teresa Berganza passem ao som cravo? Em país sem uma orquestra sinfónica com falta de professores de Música no ensino escolar obrigatório (alás, com média qualitativa baixíssima, o que faz rir qualquer criança desses países de Leste afinal mais cultos), aceitam-se diferenças salariais chocantes entre uma orquestra com tradições e ao mais recente Regie Cooperativa Sinfonia, do Porto, enquanto se alimenta a vinda de cada vez mais estrangeiros - músicos e cantores operários -, abandonando por completo os nacionais.

O mesmo Teatro Nacional de S. Carlos não se entende com a Companhia Nacional de Bailado, que aproveitou Março para entrar em greve. Profissão cara e de rápido desgaste uma primeira bailarina ganha cerca de 195 contos ilíquidos e o corpo de baile queoa-se pelos 121 contos ilíquidos. Qualquer assessor de Santana Lopes ganha o triplo só or convocar uns tantos cientistas e certos intelectuais que vão a todas as reuniões com o primeiro-ministro, esta, de facto, a nobre função do secretário de Estado, arregimentar criadores e produtores de saber que deem algum verniz ao quadro estalado da família PSD em crise. Assim compensando o que qualquer país culto e verdadeiramente senhor do seu património nunca admitiria: deixar sair para os Estados Unidos a Custódia de Belém, os Painéis de S. Vicente e as "Tentações de Santo Antão", de Bosch, peças únicas no nosso imaginário de nação. Um crime cultural, se se quiser.

Ortigão Duarte

BREVES

SAMPAIO «DÁ» INQUÉRITO A MARCELO

Acusado pelo PSD de despesas irregulares feitas na divulgação de iniciativas da Câmara Municipal de Lisboa, o presidente da edilidade da capital, Jorge Sampaio, encarregou o principal vereador do PSD na autarquia, Marcelo Rebelo de Sousa, de proceder ao respectivo inquérito. Aguarda-se o relatório do autarca laranja.

LISBOA-PORTO EM AUTO-ESTRADA

O jornal «Diário de Notícias» diz que ficará pronta em Setembro, o mais tardar em Outubro, a auto-estrada entre Lisboa e o Porto. Ainda segundo aquele jornal, teriam sido estabelecidos contratos de antecipação com os subempreiteiros de modo a que as obras sejam concluídas naqueles prazos.

ELEIÇÕES A 6 DE OUTUBRO

Não havendo consenso ente os partidos para que as eleições se realizem em Julho (o PSD opôs-se e o PCP mostrou-se indiferente) tudo parece indicar que, de acordo com a lei eleitoral, o Presidente da República deverá marcar as eleições legislativas para o dia 6 de Outubro próximo.

NÃO HÁ CRISE NO AVE

Quem o disse foi o ministro Mira Amaral. No entanto, o titular da pasta da indústria acrescentou que o governo português «está atento à situação». Mira Amaral falava em Bruxelas, a pedido de um grupo de eurodeputados portugueses, sobre o futuro de indústria têxtil em Portugal.

REGIONALIZAÇÃO NA AR A 11 DE ABRIL

Naquele dia foram apenas tratados problemas relacionados com a definição de atribuições e a composição dos órgãos administrativos regionais, o que vem desbloquear uma iniciativa legislativa que aguardava desde 1989 o andamento previsto na constituição. Quanto à delimitação dos territórios, não é para já.

CDS QUER O CANAL 2 PRIVADO

E uma proposta constante do «programa do governo» que o CDS vai apresentar na campanha para as próximas eleições legislativas que aguardava desde 1989 o andamento previsto na constituição. Quanto à delimitação dos territórios, não é para já.

CHEGOU A "VASCO DA GAMA"

Entrou já no Tejo a nova fragata «Vasco da Gama» que faz parte de um lote de 3 que o governo encomendou para a Armada Portuguesa. A bordo vinham também alguns problemas relacionados com o novo sistema remuneratório de sargentos e praças. O custo da manutenção do navio é de 1,5 milhões de contos por ano.

QUEM TEM DINHEIRO NÃO FICA PRESO

No novo projecto do Código Penal, o governo propõe trocar as penas de prisão por multas em quase todos os crimes de carácter ligeiro. O documento, que em breve será analisado em Conselho de Ministros, deixa de considerar os crimes sexuais como crimes contra a Sociedade.

CONTRATO DE ARRENDAMENTO DE DURAÇÃO LIMITADA

DECRETO LEI 321 - B/90, de 15 de OUTUBRO

Os abaixo assinados:

F..... (estado civil, contribuinte nº, residência), na qualidade de senhorio;

B..... (estado civil, contribuinte nº, residência), na qualidade de arrendatário; e

S..... (estado civil, contribuinte nº, residência), na qualidade de fiador deste, ajustam entre si o arrendamento do ... andar sito em ..., na Rua/Av. ..., com parqueamento na cave, sito no ... bairro fiscal, freguesia de ..., concelho de ..., inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo nº ..., de que o primeiro é proprietário nos termos e condições seguintes:

1º - O presente arrendamento é feito segundo o regime de RENDA LIVRE previsto no art. 77º e 78º do Dec. Lei 321 B/90 de 15 de Outubro.

2º - O prazo de duração do arrendamento é de cinco anos, com início em ... e termo em ..., sendo as suas prorrogações de um ano, no caso de não ser denunciado no seu termo.

3º - A renda é de Esc. (...), devendo com o primeiro mês ser depositada igual quantia que funcionará como caução, e será restituída quando cessar o presente contrato, caso não haja lugar ao pagamento de qualquer indemnização por danos causados, o que, caso se verifique, responderá pelo valor destes.

4º - A renda é paga até ao dia 8 do mês a que respeita e deverá ser paga no domicílio do senhorio, através de cheque ou vale correio.

5º - A renda agora estipulada fica sujeita a actualização sistemática, podendo a primeira actualização ser exigida pelo senhorio um ano após a entrada em vigor deste contrato e as seguintes, sucessivamente, um ano após a actualização anterior, todas tendo como base coeficientes a fixar anualmente pelo Governo no ano civil anterior ao de cada actualização, nos termos dos art. 32º e seguintes do Dec. Lei 321 B/90.

6º - Querendo o senhorio fazer uso de tal faculdade, comunicá-lo-á ao inquilino, por via postal registada e com a antecedência mínima de trinta dias, indicando expressamente o montante da nova renda e o coeficiente utilizado no seu cálculo.

7º - O local arrendado destina-se a HABITAÇÃO exclusiva

do inquilino, reconhecendo este que o mesmo realiza cabalmente o fim a que é destinado, não podendo dar-lhe outro uso nem sublocá-lo no todo ou em parte, sem prévia autorização por escrito do senhorio.

8º - O inquilino obriga-se a conservar em bom estado, como actualmente se encontram, as instalações e canalizações de água, luz, aquecimento, esgotos, e demais equipamento do local arrendado, pagando à sua custa todas as reparações decorrentes de culpa ou negligência sua bem como a manter em bom estado os respectivos soalhos, alcatifas, forros, pinturas e vidros, ressaldado o desgaste proveniente da sua normal e prudente utilização.

9º - O inquilino não poderá fazer quaisquer obras no local arrendado sem autorização prévia e por escrito do senhorio, nem levantar quaisquer benfeitorias por si realizadas, ainda que autorizadas, nem por elas pedir indemnização ou alegar retenção.

10º - O senhorio poderá fazer quaisquer obras em benefício do local arrendado, sem necessidade de autorização do inquilino, para vistoria ou acesso ao mesmo, pessoalmente ou por mandatários seus.

11º - O fiador e principal pagador, abaixo assinado, assume solidariamente com o inquilino a obrigação de fiel cumprimento de todas as cláusulas deste contrato, seus aditamentos legais e suas renovações, até à efectiva restituição do local livre, devoluto e nas condições estipuladas e, bem assim, declaram que a fiança que acabam de prestar substituirá ainda que haja alteração da renda agora fixada e mesmo depois de decorrido o prazo de cinco anos a que alude o nº 2 do art. 655º do Código Civil em vigor.

12º - Dada a natureza temporária deste contrato e a faculdade que o senhorio tem de o denunciar em qualquer uma das suas prorrogações, com a antecedência de um ano, este notificará judicialmente o inquilino para o efeito, ficando desde já estabelecida a cláusula penal de Esc. ..., para o caso de incumprimento do inquilino na entrega atempada.

Data
Assinatura das partes

(Selagem: até 10 contos de renda - 6% sobre o excedente - 10,5%)

DE UM LOUCO PARA TI

Possuo um espaço, que é apenas meu onde não existe geometria das formas nem a precisão dos computadores onde as cores se embarçam num tam perpetuamente branco. Tenho um lugar no mundo neste mundo que não é meu nesta terra que não é tua mas que nos pertence por dádiva incógnita. Gostaria de te abrir a porta do pequeno canto que é o meu grande refúgio mas não o faço!! porque sei que o não compreenderias ... chamar-me-ias LOUCO, eu sei. Não te abro a porta, não! Tenho medo que a tua loucura me contagie tenho medo dessa tua mania em traduzir tudo em números em justificar os pequenos actos espontâneos em procurar sempre a razão das coisas. Eu tenho a minha Razão e tu tens a tua. E por isso que a distância que existe entre nós está no abismo que nós próprios construímos o mesmo abismo que une as margens do espaço virtual que teima em permanecer vazio.

GUIDA PIRES TEIXEIRA

OUTUBRO INGENUO

Um dia olhei para tudo quanto estava à minha volta e sorri senti pela primeira e última vez uma estabilidade plena de harmonia tão plena que me fez crer que tudo se conjugava entre si num ambiente tranquilo, puro e coerente. Não me lembro bem quando foi só sei que passado pouco tempo a minha mãe entrou em trabalho de parto. e eu NASCI !!

GUIDA PIRES TEIXEIRA



RESTAURANTE
ERVEJARIA

RUA D. ESTEFÂNIA, 92, B
TELEFONE 53 67 72

1000 LISBOA

Restaurante e Cervejaria

O Tamboril



R. REIS GOMES (Mar. do Arco Negro), Loja 19 - Tel. 848 3414 - 1000 LISBOA



TELEFONES ÚTEIS

Pedrógão Grande	
Bombeiros	45 122
Câmara Municipal	45 168/45 204
Cartório Notarial	45 328
Casa da Criança	45 373
Casa do Povo	45 432
Centro de Saúde	45 350/45 133
Correios	45 111 (Estação)
EDP	45 441/2-45 360
Escola Preparatória	45 487
Farmácia	45 103
GNR	45 444
Parque Municipal de Turismo	45 459/45 450
Posto Público	45 211
Recreio Pedrogense	45 118
Repartição de Finanças	45 466
Rodoviária Nacional	45 155/6
Santa Casa da Misericórdia	45 373
Serviços Médico-Sociais (Leiria)	22 892
Táxis	45 103/121
» (Turismo)	45 185

Graça	
Posto Clínico	52 188
Posto Público	52 301
Táxis	52 206

Vila Faeia	
Posto Clínico	52 494
Posto Público	52 271

Figueiró dos Vinhos	
Bombeiros	52 122
Câmara Municipal	52 328/52 397
Correios	52 111
Farmácia Correia	52 312
» Serra	52 339
» Vidigal	52 441
GNR	52 444
Hospital	52 133
Turismo	52 178
Tribunal	52 311

Castanheira de Pêra	
Bombeiros	44 122
Câmara Municipal	44 106/44 134
Correios	44 111
Farmácia Dinis	44 113
GNR	44 444
Hospital	44 133

RECUANDO NO TEMPO NO TEMPO QUE A GRACIOSA VIVIA

"É a única viagem certa que temos. A última, a morte. Que também é a única sem regresso. Dai a funda perturbação e a profunda tristeza que a morte de alguém me provoca. Porque eu amo a vida. Dai o meu desalento, o meu abatimento quando há dias e através do Jornal soube da morte da Graciosa"

Marçal

Esta mensagem acabou por não ter um fim, a que o autor lhe queria dar. A doença não lhe permitiu. Ele sentiu o drama da Graciosa e o seu também, e talvez as lágrimas, ou a dor, o não deixassem terminar.

Entre os papeis encontrei esta folha e prometi a mim mesma, com a ajuda de Deus, terminar a ideia que continha.

Vou fazê-lo, sim, não com a harmonia de um artigo, feito por um mestre, como era o meu marido, onde a sua capacidade descritiva, a humanidade que colocava e a verdade que o distinguia eram surpreendentes.

Mas aqui estou fazendo como sei, recordando o nosso Rancho, os nossos amigos e neste caso a Graciosa.

Como companheiros da Graciosa, no Rancho de 1947, sentimos muito a sua morte e o meu marido, já hospitalizado e fraco,

O Rancho foi para nós um bem caído do céu e dele muito devemos ao Dr. Simões Barreiros, então Presidente da Câmara. Tenente Manata, o maestro Manuel Nunes, etc., todos já falecidos, mas temos ainda a felicidade de ter entre nós a nossa professora de música, que muito apoiou e animou, a D. Nenita Nunes. Ela foi e continua a ser uma grande Figueirense. Se o meu marido fosse vivo, sublinharia este nome e dar-lhe-ia as honras que merece, pois nutria uma grande admiração por esta senhora. Muito obrigada D. Nenita.

Mas o tempo dilui-se e peço-vos, em nome desses momentos que a amizade que nos uniu fortemente regresso aos vossos corações e reforce ainda mais a nossa união. Afinal o tempo passa por nós e o que resta? A saudade da alegria vivida e da amizade conquistada, e que nos vai acompanhando, mesmo distantes.

Naqueles momentos de desânimo e que todos temos, dando à vida um pensamento insignificante, forte desalento, julgamos que o mundo vai desabar sobre nós. Mas, tantas vezes aquela luzinha que nos ilumina a mente, deixa cair o véu da tristeza, e rasga os horizontes das recordações, como de um filme se tra-



Rancho Folclórico de Figueiró dos Vinhos, que representou o rio Zézere na «Festa do Tejo» do Oitavo Centenário da Cidade de Lisboa, em 29 de Junho de 1947. A Graciosa é a terceira em baixo a contar da esquerda.

ficou muito deprimido. Graciosa fazia parte daquela época, que para nós e muitos, foi o tempo mais feliz da nossa mocidade. O nosso convívio alegre e irreverente, constituía uma família bem numerosa, mas muito simpática e feliz. A amizade foi o nosso lema e dentro deste espírito não se faziam distinções entre os pobres e ricos, cultos ou não cultos, tentando-nos a ajudar mutuamente, com o maior respeito.

A nossa ida a Lisboa, a longa marcha pelas suas ruas, os fatos garridos bem confeccionados, com os cabelos soltos ao sabor do vento, e uma infinita alegria, contagiaram as gentes da capital.

Habitados ao rigôr de uma educação própria daquele tempo, sempre soubemos respeitar,

tasse. Tudo se nos aviva, regressamos à vida com as forças recuperadas.

E são nestas recordações que peço aos meus companheiros do Rancho para divagarem, dando um pensamento positivo, de amor, saudade e carinho aos que já partiram. E uma forma de homenagear os nossos companheiros já falecidos, dedicando-lhes um pouco de nós.

Ao Osvaldo Perdigão, Miguel Rosinha, Manuel Batista, Graciosa, Marçal e a tantos que pertenciam ao Rancho, bem como aos que nos ajudaram, aqui fica o nosso testemunho, de que espiritualmente continuam vivos dentro de nós.

E até sempre.

Elvira Pires Teixeira

Homenagem a Graciosa

O grupo coral de S. João Batista de Figueiró dos Vinhos, homenageou, com uma romagem ao cemitério, depondo um ramo de flores na campa da Graciosa, no dia 08/Abril/91 em que

fez dois anos após a sua morte. E de louvar, um gesto tão gratificante dos seus companheiros e amigos

Maria Elvira

NASCIMENTOS

O GONÇALO

Com o renascer do nosso jornal, nascem futuros continuadores desta obra.

Depois do nascimento da filha do nosso Director, a Joana Filipa, nasce dois dias depois, ou seja no dia 20 de Março, as onze horas e trinta minutos, com quatro quilos duzentos e vinte grammas e com o comprimento de cinquenta e um centímetros. O Gonçalo que é filho da nossa redactora em Pedrógão Grande,

Isaura Antão e do nosso amigo José Reis, distinto e jovem comerciante na vila de Pedrógão. O Gonçalo nasceu na cidade de Coimbra, mas já está a residir com os seus pais na bonita localidade de Escalcos do Meio na freguesia e concelho de Pedrógão Grande. Aos pais vaidosos e aos avós os mais sinceros parabéns com muitas felicidades pela longa vida do Gonçalo cheia de saúde e bem estar.

BATIZADOS

CASTANHEIRA DE PÊRA

RICARDO LOPES BARATA SALGUEIRO

No dia 14 de Abril foi batizado na Igreja Matriz de Castanheira de Pêra o Ricardo, que nasceu no dia 24/05/90.

É o filho de Julio Agostinho Barata Salgueiro e Isabel Maria Alves Lopes, ambos empresários nesta vila, e foram padrinhos os seus cunhados Paulo Pires Teixeira, bancário em Coimbra e redactor deste jornal e Maria Olinda Barata Salgueiro Pires Teixeira, funcionária da EDP em Castanheira de Pêra.

Votos de muitas felicidades

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ANA CATARINA E SILVA DOMINGUES

A Ana Catarina que nasceu no dia 03/08/90, foi batizada no dia 06/04/91 na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos.

São os seus pais, Jorge Manuel Alves Domingues, comerciante e vereador da Câmara



O Ricardo, admirado por aqui estar

Municipal, e Dra. Maria de Fátima Almeida e Silva Domingues, professora do ensino secundário em Pedrógão Grande.

Foram padrinhos do irmão Jorge, Dr. Fernando Manuel Alves Domingues e Maria da Conceição Francisco Silva, esposa do nosso colaborador Eng.º Rui Silva e cunhada dos pais da criança.

Os maiores sucessos.

DESBUROCRATIZAR...

Passada que foi a euforia do seu primeiro DIA, oportuno nos parece voltar a falar de desburocratização.

Mais simples do que se pensa, passa necessariamente pela eficiência dos diversos sectores da vida pública, sendo fundamental um cada vez maior humanismo nos serviços locais. Não esquecendo uma cada vez maior descentralização.

Digamos, que desburocratizar é regionalizar.

A imprensa, cabe agora também, um papel fundamental. Quer mantendo a chama da iniciativa, quer levando às entidades competentes as carências locais que são entrave, ou ainda denunciando o desrespeito pelo princípios instituídos.

A ideia é altamente positiva, mas como todas, necessita agora de ser devidamente interpretada.

ROTARACT CLUBE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

ACÇÃO DE ESCLARECIMENTO

Organizou este clube, dentro do espírito que o caracteriza, uma acção de esclarecimento sobre saídas profissionais para os alunos do 9.º ano da Escola Secundária C + S de Castanheira de Pêra.

Esta acção realizou-se no passado dia 22 de Março pelas 10,30 horas, por técnicos do Centro Universitário Padre António Vieira (forum estudante - Lisboa) deixando material necessário para futuras consultas, entre os quais um armário que foi oferecido à Biblioteca Municipal.



Para que esta acção se concretizasse, foi necessário o apoio sempre aberto da Câmara Municipal de Castanheira, assim como da própria escola. Após esta acção e com a participação do Sr. José Augusto, socio

da fábrica dos barretes, visitou-se esta industria unica no mundo que foi guiada com a atenção necessária, culminando a visita com a oferta deste empresário a todos os visitantes, dos tradicionais barretes. Esta acção esteve a cargo da secção rotaractista Avenida de Serviços de Apoio à Sociedade.

Lino Mendes

CALENDÁRIO DE VACINAÇÃO Em vigor desde Novembro de 1990

Do nascimento até aos 2 meses	BCG — Vacina contra a tuberculose	
Aos 2 meses de idade	— Vacina contra a difteria, tétano e tosse convulsa — 1.ª dose — Vacina contra a poliomielite — 1.ª dose	
2 meses depois	DTP — 2.ª dose VAP — 2.ª dose	
2 meses depois	DTP — 3.ª dose VAP — 3.ª dose	
Aos 15 meses	VASPR — Vacina contra o sarampo, papeira e rubéola — 1.ª dose	
Dos 18 aos 24 meses	DTP — 1.ª reforço	
Dos 5 aos 6 anos	DTP — 2.ª reforço VAP — 1.ª reforço BCG	BCG é aplicado se a prova tuberculínica for negativa
Dos 11 aos 13 anos	VAT — Vacina isolada contra o tétano — 3.ª reforço VAP — 2.ª dose BCG	BCG é aplicado se a prova tuberculínica for negativa
De 10 em 10 anos	VAT — reforços	

• Todos os adultos não vacinados contra o tétano devem iniciar esta vacina em qualquer idade.
• Todas as grávidas não protegidas contra o tétano devem ser vacinadas. Além de se protegerem, evitam o tétano nos seus filhos nos primeiros meses de vida

NUNES & NEVES, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Av.ª Padre Manuel da Nóbrega, 7-1.º-dt.º
Telf.: 80 66 52 - 1000 LISBOA

Mister KIM

PRONTO A VESTIR UNISEXO

EDIFÍCIO DO HOTEL MUNDIAL - RUA DA PALMA, 2 - TEL. 86 2001 LISBOA

Manuel Henriques Coelho

TRANSPORTES PÚBLICOS DE MERCADORIAS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ARTEFACTOS DE CIMENTO

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

☎ 4 54 18 - 4 57 29

Sede: PINHEIRO DO BOLIM

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

NOTÍCIAS BREVES DE CASTANHEIRA DE PERA

BOLO E PERA VÃO DISPOR DE REGADIO

Foi assinado já o protocolo entre a Câmara Municipal e um representante da Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, no que concerne ao regadio dos lugares do Bolo e Pera.

Este investimento, envolvendo 10.671 contos, é suportado em 10% pela Câmara Municipal e os restantes 90% são custeados numa quarta parte pelo Governo e três quartos pelo FEOGA.

Um projecto que elimina dificuldades existentes na zona, e que as populações se congratulam pela sua execução, que estará a cargo por administração directa, da própria Câmara.

VENDA DE LOTES DE TERRENO DO VALSEÁ

Tem a Câmara constatado um grande sucesso na venda dos 18 lotes de terreno na Urbanização do Valseá.

Na verdade, a deliberação da Câmara veio de encontro a algumas lacunas do nosso concelho na área da habitação. Este loteamento, detem 18 áreas, que vão desde os 228 m² aos 330 m², com um custo variável entre os 450 e 550 contos. A sua localização, numa encosta soalheira e sobranceira, a pouco mais de 150 metros do lugar dos Moredos, constituía pouco depois do 25 de Abril de 1974 o famoso bairro das tábuas, destinado a albergar pessoas carenciadas com especial atenção aos Retornados e refugiados das ex-provincias ultramarinas. Casas pre-fabricadas, que nunca viriam a ser utilizadas, com excepção de 5 recuperadas, por complemento de todas as outras, que se foram deteriorando. Na origem da não utilização destas casas foi o contencioso entretanto ocorrido entre a Câmara Municipal e o Fundo de Fomento da Habitação.

Contudo o espaço foi aproveitado, e os compradores, que terão um projecto único fornecido gratuitamente pela Câmara, terão que cumprir nestas limitações as deliberações que regulamentam este loteamento, sendo um deles, a da obrigatoriedade de construção seis meses após a escritura de compra e venda.

Finalmente, vamos assistir à metamorfose da fisionomia estética desta zona da Vila.

300 MILHÕES DE ESCUDOS PARA CASTANHEIRA DE PERA

Conforme verificámos no último boletim, o Presidente da Câmara, Viriato Graça Oliva, pretende utilizar uma Financiadora Alemã no recurso a um empréstimo de 300 mil contos, pelo prazo de 10 a 13 anos e a uma taxa de 9,5%, acrescidos de comissões que poderão rondar até os 2,5%, conforme observação do vereador da oposição

Carlos Searas.

Conforme ainda refere o Boletim Municipal, a Câmara de Castanheira de Pera detém uma capacidade de endividamento anual de 25% sobre o valor do FEF, que neste caso é de 203.925 contos, o que em termos legais remete esta situação para valores inferiores à lei. No entanto, pensamos ser preocupação da Câmara neste processo o mercado monetário internacional, já que o marco alemão tem tido em relação ao escudo uma valorização anual de cerca de 6%, o que implicitamente vai onerar os custos percentuais deste financiamento. Não deixando de ser um risco relativo, julgamos que este meio acaba por se identificar em termos de custos ao adoptado pela Câmara Municipal de Coimbra, que lançou no mercado de capitais um empréstimo obrigacionista. Esta forma de endividamento, vai permitir à Câmara de Coimbra o pagamento anual de 18% de juros aos seus subscritores, dilatando o reembolso do empréstimo para 7 anos posteriores através de sorteios, que eventualmente e por decisão camarária poderão ocorrer antes deste prazo. Aqui Castanheira, nos moldes em que pretende o financiamento, concluímos o início da amortização do empréstimo

ao fim do quarto ano, verificando-se prestações sub-

sequentes semestrais até o limite do prazo a determinar. Se por um lado, antecipa as amortizações, mantendo-se a mesma filosofia nos custos proporcionais dos juros, ou seja, reduz em largos milhares de contos os reais custos, por outro lado obriga-se a um esforço muito maior, apesar de mais dilatado o prazo.

O Presidente da Câmara já propôs que se delibere sobre esta contratação, uma vez que mereceu o parecer favorável da CCRC.

Voltaremos ao assunto.

PRESIDENTE DA CÂMARA DELEGA PODERES

Por proposta do próprio Presidente da Câmara, Viriato Graça Oliva, e no uso de competência que lhe é conferida pela Lei das Autarquias, conforme D.L.100/84, nos nºs. 3 do art.52º e nº. 2 do art.º54, delegou poderes ao vereador Armindo Graça e ainda na falta deste ao vereador José Gil B. Martins, previstos no art.º 53º.

Conforme consulta nossa ao referido artigo 53º, passamos a transcrevê-lo:

- Representar o município em juízo e fora dele;
 - Executar as deliberações da câmara Municipal e coordenar a respectiva actividade;
 - Autorizar o pagamento das despesas orçamentadas de harmonia com as deliberações da câmara municipal;
 - Submeter as contas à apreciação da assembleia municipal e a julgamento do Tribunal de Contas;
 - Assinar ou visar a correspondência da Câmara municipal com destino a quaisquer entidades ou organismos públicos;
 - Convocar as reuniões ordinárias e extraordinárias e dirigir os respectivos trabalhos;
 - Representar a Câmara municipal perante a assembleia, sem prejuízo da faculdade de ser acompanhado por outros membros;
 - Promover a publicação em boletim municipal ou em edital das decisões ou deliberações previstas no artigo 84º (concursos curriculares);
 - Dirigir em estreita articulação com o Serviço Nacional de Protecção Civil, o serviço municipal de protecção civil, tendo em vista o cumprimento dos planos e programas estabelecidos e a coordenação das actividades a desenvolver no domínio da protecção civil, designadamente em operações de socorro e assistência, com especial relevo em situações de catástrofe e calamidade públicas;
 - Exercer os demais poderes que lhe sejam conferidos por lei ou por deliberação da câmara municipal.
- Resumindo, esta delegação de poderes denuncia a grande confiança que existe entre os vereadores do PSD, bem como abre um leque de soluções no tocante à falta de disponibilidade do Presidente da Câmara.

CÂMARA E OPOSIÇÃO EM PERMANENTE GUERRA FRIA

É de fácil apreciação a permanente troca de acusações entre os vereadores do PSD, maioria na Câmara Municipal de Castanheira de Pera, e os vereadores da oposição PS, que ao fim de 4 mandatos consecutivos viram a edilidade fugir-lhe das mãos por apenas um voto.

Por um lado, sabemos dos grandes esforços e sacrifícios que o PS neste período de governação municipal fez, deixando um trabalho meritório e sequencial para quem entenda. E para quem tem consciência deste facto, não deixa de ser considerado injustiçado pela mudança. De qualquer modo

terá a mudança

a ver com a necessidade do seu próprio espírito, e este respeito temos que o manter já que estão em causa as elementares regras da democracia.

O PSD, surpreendido com a vitória, apresentou um projecto ousado, que cumprindo-se resultaria em grandes benefícios para o nosso concelho. Vive-se desta forma a expectativa da sua acção. E em todo este processo, considera o PSD ter o direito e liberdade de governar, sem, como se tem já referido, não se ter ido mais longe pelos embargos causados pela oposição.

Entretanto as acusações continuam, sendo uma delas do PSD que por palavras proferidas pelo vereador Armindo Graça, afirmou encontrar documentos do anterior mandato, com várias ilegalidades, chegando mesmo a apresentar um cheque onde constava a assinatura do vereador Carlos Searas do PS, numa suposta liquidação de documentos que não incluíam o I.V.A.. O PS, como oposição, tem refutado todas as acusações, tendo mesmo, e em todas elas, pedido certidões sobre os assuntos que consideram

"caluniosos", de forma a apresentar ao seu eleitorado, para que não fiquem dúvidas. Acusa o PS dos actuais vereadores do PSD "deturparem grosseiramente os factos".

Na próxima edição, contamos ouvir as partes envolvidas, se assim entenderem.

PAULO MARÇAL



Viriato Graça Oliva

UM ENVIADO ESPECIAL AO PAÍS DO NADA INTRODUÇÃO

Um dos nossos enviados especiais, visitou no passado dia 13 de Março o país do Nada.

Durante a sua estada visitou os Ministérios da Educação, da Saúde e da Justiça. Obteve uma breve entrevista com o Presidente da República Exmo. Sr. Toda-a-gente.

Toda-A-Gente - Presidente da República

Alguém - Ministro da Educação

Qualquer-Um - Ministro da Saúde

Ninguém - Ministro da Justiça

O Sr. Ministro da Educação, Alguém, falou da educação no seu país. Trata-se de um plano que Alguém está a realizar, mas Ninguém viu. Entretanto os jovens do seu país vão fazendo alguma coisa, parecido com ter aulas. A matéria é dada por Qualquer-Um porque Ninguém está verdadeiramente capacitado para a dar. Desta forma, e até Alguém elaborar o verdadeiro currículo da Educação, os nossos educandos vão-se formando em alguma coisa e no futuro ocuparão cargos que Qualquer-Um pode ocupar.

No Ministério da Saúde, deram-nos algumas informações do estado físico da sua população.

O Sr. Ministro Qualquer-Um dedicou a sua entrevista aos hospitais existentes. Os seus hospitais são alguns recintos com alguns aparelhos que Qualquer-Um utiliza se Alguém se vê necessitado.

Qualquer-Um pode ser médico, certamente.

Ninguém será responsabilizado pela reabilitação dos doentes. O Sr. Ministro disse-nos também que raramente Alguém sobrevive depois de ter adoecido.

No Ministério da Justiça, fomos recebidos pelo Sr. Ministro Ninguém, que declarou ao "Sem Comentário" (o nosso jornal), que a justiça do seu país, era algo que preocupava Toda-A-Gente. Alguém costuma dizer que "É necessário fazer-se justiça", mas geralmente Ninguém faz.

A justiça é algo que Qualquer-Um pode exigir, e que Toda-A-Gente espera ver, por processos verdadeiros. Alguém a realizar. Entretanto, Ninguém a costuma ver.

Finalmente, reunimo-nos com o Sr. Presidente da República Toda-A-Gente, que afirmou que o seu país se encontra nas melhores condições. É um país onde Toda-A-Gente é livre de fazer o que quer, mesmo que Nada Seja. Alguém se encarrega de organizar a sociedade e é possível que Ninguém o faça. O Sr. Ministro não prestou mais declarações, porque Alguém era encarregado de o informar da situação económica do seu país, mas Ninguém lhe perguntou por contas!...

Tânia Pires Teixeira
Dolores Ribeiro

JOSÉ REIS & ANTÃO, LDA.

ELECTRODOMÉSTICOS



E PRONTO A VESTIR



Telef. 036 - 45517 Rua Dr. José Jacinto Nunes
Resid: 45681 3270 PED. GRANDE

MINISTANDE, LDA

ALVERCA - LISBOA - MONTIJO

A CONFIANÇA NO CARRO USADO

AV. ROVISCO PAIS, 42-A/B - LISBOA

☎ 52 02 34 - 57 55 93. FAX. 57 58 63

O OBSERVADOR PASSOU POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS



A criança faz um esforço para pôr o lixo, em vão...



Desanimada cruza os braços, não teve outra solução senão deixar o lixo no chão.

OS CAIXOTES DO LIXO

QUE TEMOS

Já nos habituámos aos conselhos visualizados na televisão e imprensa, quanto à necessária limpeza das ruas, com a tradicional mímica da criança a meter o lixo no respectivo caixote!

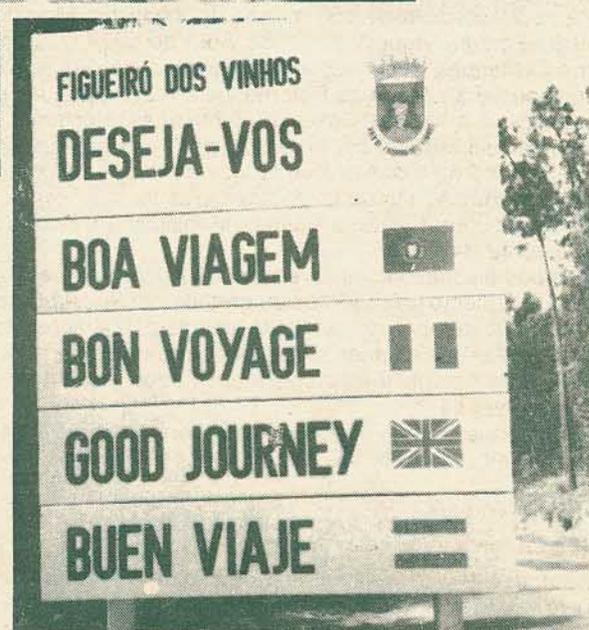
Em Figueiró dos Vinhos, coitadas das crianças que queiram praticar a boa acção do dia! Ou já nascem crescidas, ou andam de escadas às costas...!



Este cidadão por pouco esmurra com aquela caixa telefónica

E AQUILO DE QUE GOSTAMOS

Gostámos de ver as placas de informação espalhadas pela Vila. Já há muito que Figueiró merecia! Ficamos o sintoma de que ainda vamos reintegrar o Roteiro Turístico da "Rota do Sol..."



E OS PASSEIOS

QUE NÃO TEMOS

Na praça de táxis de Figueiró, existe um pequeno passeio estreito. A "dimensionar" todo este tamanho estão ali colocados os telefones guardados em caixas que sobressaem, reduzindo

o espaço de passagem do pacato cidadão, que à mínima distração, corre o risco de utilizar os telefones, mas para o 115, pois não vá a cabeçada cantar de poleiro!



Este passeio central poderia ser uma das soluções, ou do lado contrário, no passeio das traseiras do edifício dos paços do concelho. A TELECOM, que já nos habituou ao seu excelente design, poderia ali colocar umas cabines do nosso tempo.

PASTELARIA E GELATARIA RENAT'OS



DE ALFREDO QUINTAS

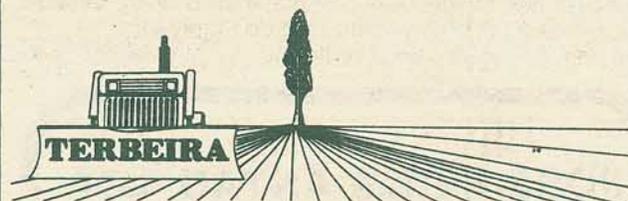
- Ar condicionado
- Ecran gigante

Telef. 52566
Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 27
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL TOMAZ DA SILVA & FILHOS, LDA.

EXPLORAÇÃO FLORESTAL
CORTIÇA
E
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

— CRUZ DO CONVENTO —
T. (036) 45604
3270 PEDRÓGÃO GRANDE



TERRAPLENAGENS E ACTIVIDADES AGRO-FLORESTAIS, LDA.

Para Obras Civas e Públicas

Telef.: 036-45332-45826-45573

3270 PEDRÓGÃO GRANDE

O CRIME DO MÊS

O crime do mês ocorreu em Braga: um sub-chefe da Polícia de Segurança Pública, aposentado, e a sua mulher, foram barbaramente assassinados na sua residência, e os restos mortais foram encontrados dentro de duas malas, abandonadas em Espanha, a trezentos metros do posto fronteiro de Goyan, numa das margens do rio Minho. O macabro achado ocorreu no dia 29 de Março passado.

As vítimas deste nefando crime foram António Amável de Jesus Carvalho, de 69 anos, e sua mulher, a Glória Vieira Peixoto, de 67 anos, ele natural de Vila Nova de Cerveira e ela de Braga. O casal tinha apenas uma filha, Maria José Peixoto Carvalho, professora do ensino secundário, de 32 anos, e é ela é presumível autora moral do crime.

O presumível autor material, já confesso, foi preso no Brasil, para onde se escapou após ter tirado a vida do casal, levando consigo 850 mil escudos, roubados aos assassinados. trata-se de um cadastrado que se evadira recentemente da cadeia do Vale de Judeus. Pedro Infante Henriques de Oliveira, natural de Angola,

que mantinha amores com a filha das vítimas, contra a vontade dos pais.

O FILME DO CRIME: PRIMEIRO DIA

No último dia de Março a imprensa portuguesa fazia eco do drama, ainda sem possuir elementos que levassem a imaginar-se o que na verdade acontecera. Diziam os jornais:

"Um sub-chefe da PSP, aposentado, e a mulher, foram cortados aos bocados, metidos em sacos de plástico, e posteriormente abandonados em duas malas de viagem, encontrados ontem de madrugada perto da povoação espanhola de Goyan, junto ao rio Minho e de Vila Nove de Cerveira.

A polícia espanhola, que investiga o crime em colaboração com as autoridades portuguesas, presume que o casal foi assassinado na sua residência em Braga. Para as autoridades que investigam este sordido crime, tudo leva a crer que o casal foi morto por desconhecidos, e que os seus despojos foram transportados num automóvel para Espanha"

SEGUE A FITA: SEGUNDO DIA

A opinião das autoridades foi outra a breve trecho. A filha do casal, a professora Maria José, foi difícil de localizar pelas autoridades policiais. Foi encontrada em casa de uns tios, também em Braga. Foi informada do que se passou e foi a casa dos pais, com quem estava de relações tensas por eles não autorizarem o seu namoro com um cadastrado. E a imprensa relatou o seu reencontro com o lar

"Chocada e preocupada com tudo o que aconteceu, Maria José, que sempre viveu com os pais, ausentando-se apenas para ir dar aulas de Português à Escola C + S de Ponte de Lima, evitou falar com os jornalistas, dizendo apenas: **Pouco ou nada sei do que aconteceu aos meus pais. A única certeza é a dos momentos aflitivos que passei ao tentar localizá-los. Com o telefonema que recebi do meu pai a dizer para não me preocupar aumentou mais o meu nervosismo. Depois aconteceu tudo o que sabem... a descoberta dos corpos.**

O PIOR DO FILME: TERCEIRO DIA

A dra. Maria José falou num telefonema e esse telefonema não podia ter existido, pois à altura que ela diz que o recebeu, já o pai não pertencia ao rol dos vivos. Além disso, algumas vizinhas viram-na a limpar o solo na véspera, exactamente onde as autoridades policiais ainda encontraram vestígios de sangue das vítimas. Tentou, pois, esconder o crime. Saliente-se que a vizinhança tomou-a, primeiramente, pela mulher que costumava efectuar a limpeza da casa, mas ela foi categórica em negar que ali tivesse ido. As suspeitas caíram deste modo sobre a filha do casal assassinado, e os jornais noticiaram:

"A filha do casal assassinado em Braga foi ouvida pela Polícia Judiciária durante 6 horas. Ao abandonar o interrogatório esquivou-se a ser vista, e entrou apressadamente num automóvel de familiares."

O interrogatório policial repetiu-se, e os jornais voltaram a noticiá-lo, agora com novos elementos:

"A presumível autora do homicídio do casal bracaraense foi ouvida durante duas horas pelo Tribunal

Judicial de Braga, o qual ordenou a sua prisão. No interrogatório a que foi submetida a professora Maria José levantado de uma conta, que tudo indica ter pertencido aos pais da jovem.

O cadastrado usava documentos falsos e encontrava-se evadido da cadeia onde cumpria uma pena de vinte anos de detenção por homicídio qualificado. a professora Maria José confessa ainda que se encontrava grávida do cadastrado.

ANTES DO "THE END" QUARTO DIA

O cadastrado Pedro foi detido no Brasil e ao ser preso disse ser irmão gêmeo do criminoso. A detenção deveu-se ao facto de possuir documentos falsos.

As autoridades policiais brasileiras não podiam conservá-lo na cadeia e restituíram-no à liberdade por um dia, enquanto aguardavam ordem judicial para o deter definitivamente. O Pedro Infante tentou no aeroporto passagem aérea, para fora do Brasil, mas não conseguiu os seus intentos e voltou à cadeia, desta vez com uma ordem do juiz

Acabou por confessar a autoria do duplo homicídio, mas afirma que "a sua noiva em nenhum momento tomou parte no crime", relatando-o desta maneira:

Fui a casa do sub-chefe da PSP pedir-lhe dinheiro, e ele reagiu à minha entrada em casa, ameaçando-me com uma pistola, tendo até disparado um tiro. Estrangulei-o, e dei um tiro na mulher, quando ela regressava a casa vinda da missa.

O "THE END" UM DIA QUALQUER

O criminoso encontra-se detido por ordem do delegado da 13ª Vara Criminal do Rio de Janeiro (Brasil), onde aguarda o pedido de extradição por parte das autoridades policiais portuguesas.

E a burocracia que demora a sua vinda para Portugal, mas até que chegue, a sua namorada, presumível autora moral do duplo homicídio continua detida. E continuará, supõe-se, pois falta o "The End" do filme.

Ele é capaz de nos reservar ainda algumas surpresas

Inácio de Passos

O CAFÉ-SOLAR FECHOU

Ao que parece, o velho restaurante "Solar" vai desaparecer. Sito no coração de Figueiró, mesmo defronte à praça do Município (corresponderia em Lisboa à Pastelaria Suíça, por exemplo), a sociedade que mantinha a exploração desse estabelecimento decaiu na acção de reivindicação de propriedade promovida pela respectiva sociedade proprietária, no desenlace de uma prolongada peleja judicial. No dia 4/Fev/91 foi definitivamente executada a sentença. Os conflitos de interesses são assim mesmo. Pena foi que não tivesse havido uma composição entre as partes. Resta-nos saber se o "Solar" se irá manter como tal ou se vai dar lugar a uma unidade económica diferente - para mal dos amantes daquele aprazível e simpático estabelecimento.

FIGUEIRÓ: DESPEDIDA DA MAGISTRADA JUDICIAL

No dia 8 do corrente mês, cerca das vinte horas, teve lugar no Restaurante "Panorama", em Figueiró dos Vinhos, um jantar de despedida da Dra. Ondina Oliveira Carmo Alves, magistrada judicial desta Comarca, ao qual assistiram numerosos funcionários judiciais e diversos causídicos, tendo-se-lhes associado o Presidente da Câmara, Dr. Fernando Manata. Aquela

Juiza de Direito foi colocada no Tribunal da Comarca de Coruche, onde a espera, ao que se sabe, um vasto trabalho.

Entretanto foi provido no lugar em sua substituição, o Dr. Ilídio Gonçalves Vasconcelos, o qual exercia funções como Juiz auxiliar na Comarca de Tomar.

Ferreira da Silva.

Dr. Francisco G. Branco CONSULTAS

4^{AS} E 6^{AS} - A PARTIR DAS 19 HORAS
SÁBADOS - DAS 10 ÀS 14 HORAS

MARCAÇÃO DE CONSULTAS: TEL: 44582
NOS MESMOS HORÁRIOS
E 5^{AS} FEIRAS A PARTIR DAS 18 HORAS

Centro de Enfermagem

- PARA PENSOS INJECTÁVEIS
- DOMICÍLIOS PROGRAMADOS
- POR MARCAÇÃO NOS MESMOS HORÁRIOS

Laboratório AEMINIUM

2^{AS}, 4^{AS}, E 6^{AS}. DAS 8 AS 9,30

Advogado

5^{AS}. A PARTIR DAS 18.30

SOUTO VALE - 3280 CASTANHEIRA DE PERA

ORGANIZAÇÕES ARMANDO CARVALHO

GABITECONSTROI

Gabinete técnico e construções, lda

Projectos, cálculos, administração de obras
cópias e fotocópias - agente das tintas
DANKAL

A MOBILADORA PEDROGUENSE, LDA.

- MOBILIAS EM TODOS OS ESTILOS
- GARANTIMOS O QUE VENDEMOS
- NÓS DECORAMOS
- EM TODO O PAÍS

NA CONSTRUÇÃO E NA DECORAÇÃO SÓ NÓS

RESID. 036 45371 LARGO DA DEVESA - 3270 PEDRÓGÃO GRANDE
TELEFS. ESTAB. 036 45197

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador

EDUARDO PAQUETE SILVA LOPES



Armeiro Revendedor



Armas - Munições - Artigos de Caça e Pesca

ESTABELECIMENTO: Adro da Igreja - Telef. 45573
RESIDÊNCIA: Pranzel - Telef. 45332
3270 PEDRÓGÃO GRANDE



Sociedade de Construções Modelar Pedroguense, Lda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 7, 1.º-Dto. - T. 80 62 26 - 1000 LISBOA

CAETANO ALVES & FILHOS, Lda

SERRAÇÃO DE MADEIRAS PARA EXPORTAÇÃO
E MERCADO INTERNO



SURRIBAS E DESATERROS
MAT. DE CONSTRUÇÃO



Fab. 45208 Resid. 45319 Telex 52562 CAFLDA P
DERREADA CIMEIRA
3270 PEDRÓGÃO GRANDE

A propósito da Visita do Papa João Paulo II

O Papa João Paulo II volta a pisar terras portuguesas no próximo dia 10, o que vem encher de alegria os corações dos portugueses. Mas a visita de Sua Santidade as nossas terras cristãs não pode ser interpretada apenas como uma festa.

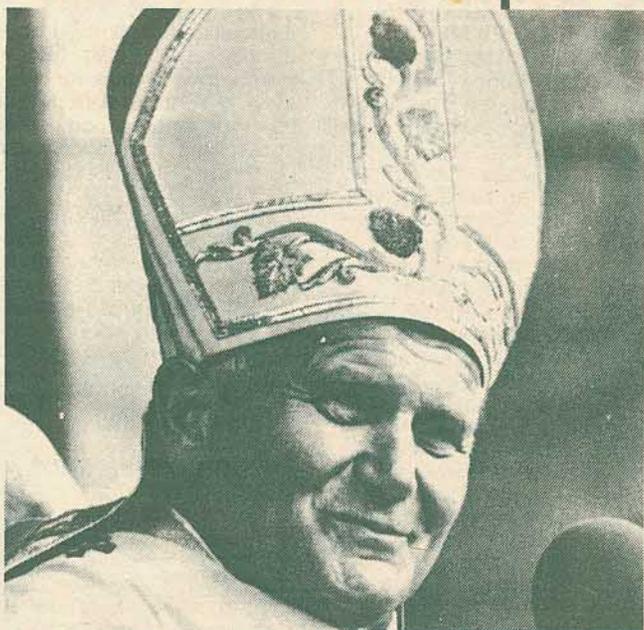
A esta situação se referiam os bispos portugueses, ao publicarem uma Mensagem aos cristãos de Portugal, a propósito da próxima visita do Papa, e nessa mensagem podem ler-se alguns apelos, como este:

Um passo importante se dá ultrapassando a natural tentação de converter esta visita num simples espectáculo, ainda que religioso. Mesmo que se juntem multidões, e isso é desejável, mesmo que se vibre em festa, uma visita de João Paulo II a Portugal não pode ficar pelo nosso embevecimento, de o solo português ser tocado pelo sucessor dos Apóstolos.

O padre A. Rego, acrescentou, num recente trabalho publicado no jornal "Correio da Manhã", ainda a propósito:

Que apelos, pois, nos podem advir deste acontecimento?

O primeiro é, de facto, a celebração da unidade aclesial à volta do "Eixo central da construção da Igreja". Mas também nos interpela na tarefa da reevangelização do nosso mundo, e num tempo em que celebramos os quinquenta anos da nossa coragem de partir e da nossa coragem de recomeçar, a nossa Igreja em Portugal tem de empreender a grande viagem ao mundo moderno, que está à sua porta e, por vezes, na linguagem e no diálogo, parece a séculos luz de distância.



Não precisamos reentrar nas caravelas. Basta-nos atravessar a rua, entrar nas nossas escolas, penetrar nos ambientes que a nossa juventude frequenta, abrir a rádio e a televisão, folhear os jornais, para nos apercebermos que há uma viagem evangelicamente corajosa a empreender.

estas palavras merecem meditação, especialmente por a visita a Portugal de Sua Santidade o Papa João Paulo II se realizar no Ano da Doutrina Social da Igreja.

QUEM É O PAPA JOÃO PAULO II

O Papa João Paulo II nasceu em Wadowice, uma localidade da arquidiocese de Crákov, na

Polónia, no dia 18 de Maio de 1920, sendo-lhe dado o nome de baptismo de Karol Wojtyła. Cresceu como todas as crianças, fez-se adolescente e entrou na vida religiosa, tendo sido ordenado sacerdote em Novembro de 1946.

O Papa Paulo VI, num consistorio realizado em 1967 elevou-se à dignidade de Cardeal e nomeou-o Arcebispo de Crákov, exactamente da diocese onde nasceu. No ano de 1978, no mês de Outubro foi eleito Papa da Igreja Católica Romana, sendo o primeiro Papa polaco na História da Críandade.

VISITAS PAPAIS A PORTUGAL

Recordamos algumas visitas papais a Portugal:

Ocorreu em Maio de 1967 a primeira visita do Papa Paulo VI a Portugal, por ocasião das comemorações do cinquentenário das Aparições de Fátima.

Em 1982 Portugal recebeu a segunda visita efectuada por um Papa. Foi João Paulo II, que no próximo dia 11 de Maio voltará a pisar território nacional, assistindo no dia 13 à peregrinação ao Santuário de Fátima.

Como curiosidade, acrescentaremos que pela primeira vez as terras dos arquipélagos dos Açores e da Madeira vão ser visitadas por um Papa, estando já delineado todo o programa dessas visitas.

Assim, João Paulo II será o primeiro passageiro do novo Airbus 310/300 da TAP, adquirido por aquela empresa transportadora aérea no passado dia 17 de Março. O avião em causa já está a sofrer as necessárias transformações para condigno transporte de Sua Santidade João Paulo II, nomeadamente na cabine ocupada pelo Papa.

Sabe-se que a referida cabine será dividida em duas áreas distintas, uma destinada a trabalhos e repouso, e a outra a recolhimento do Papa. Esta possuirá um pequeno altar com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, onde Sua Santidade poderá fazer as suas orações durante os voos.

Os voos para os arquipélagos dos Açores e da Madeira também estão programados. No dia 11 de Maio João Paulo II voará de Lisboa à Ilha Terceira, fará um novo voo da Ilha Terceira a Ponta Delgada, e um outro de Ponta Delgada a Lisboa. No dia seguinte (12) voará de Lisboa para o Funchal, e do Funchal para Monte Real e no dia 13 regressará a Roma.

Inácio de Passos

CARTA ABERTA

Ao Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Excelência

Não sabemos se V. Exa. já alguma vez se deslocou a este triângulo concelhio situado, como costumamos dizer, a norte do distrito de Leiria e a nordeste das preocupações dos poderes públicos. De qualquer forma nós damos uma ajudinha, pois temos que V. Exa. se perca no percurso até aqui.

Para cá vir V. Exa. não carece de utilizar a auto-estrada de Lisboa-Cascais, nem o comboio da linha do Estoril, nem ainda a 5ª via da Ponte sobre o Tejo, porque isso são árduas e desconfortáveis caminhadas nas cercanias de Lisboa.

Rume ao Norte, Sr. Ministro, e quando achar que atingiu a meia estatura na distância entre Lisboa e o encalço do Porto, vire à direita. A nossa zona fica, considerando esse sentido de marcha, na rectaguarda de Pombal, escondida por detrás do desenvolvimento que esta localidade exhibe.

Para cá chegar V. Exa. pode usar 2 meios de transporte: terrestre ou aéreo (mas neste caso só de helicóptero).

Se V. Exa. optar pelos meios aéreos, corre o risco de, andando lá no alto, não conseguir descer à realidade física, social e económica das nossas terras.

Se V. Exa. preferir o meio terrestre, sugerimos que aguarde uns anos até que o IC-8 esteja concluído. De contrário, candidatava-se a ziguezaguear tanto nas estradas serpenteadas que decerto não haveria dor de cabeça a que se conseguisse furtar.

Nós atrevemo-nos a fazer uma sugestão a V. Exa.: - venha de comboio! Tome no Entroncamento o comboio que se dirija para Miranda do Corvo. Sei que V. Exa. vai demorar uns largos anos antes de cá chegar... mas confio que vira.

Se V. Exa. quiser ir adiantando qualquer coisinha façam obséquio de pegar na proposta que no início de 1912 as Câmaras Municipais da então Alta Estremadura (Alvaiázere, Sertã, Vila de Rei, Pedrógão Grande e Tomar), da Beira Centro (Arganil, Gois, Lousã, Penela, Miranda do Corvo, Tábua, Pampilhosa, Figueiro dos Vinhos Ansião e Condeixa) e da Beira Alta (Seia, Oliveira do Hospital e Gouveia) apresentaram ao Ministro do Fomento, José Estêvão de Vasconcelos pedindo essa ligação. Tal Ministro prometeu a altura interessar-se pelo assunto. Sabemos que já se passaram cerca de oitenta anos... e nada. Mas não ignoramos que ele ficou impossibilitado de levar por diante tal projecto em face da queda do Ministério do Doutor Augusto de Vasconcelos em Junho desse mesmo ano de 1912.

Solicitamos pois a V. Exa., ousado e decidido como é, que dê algum andamento ao estudo de tal projecto. E se não nos visitar por via ferroviária, pelo menos não arraste consigo, na sua queda, os planos. Nós ficamos à espera... já estamos habituados a isso.



CAIXA DE CRÉDITO

AGRÍCOLA MÚTUO

UM BANCO DA NOSSA TERRA
NO APOIO AO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

PROPORCIONA-LHE AGORA GRATUITAMENTE:

- **SEGURO DEPOSITANTE**, que abrange os riscos de Morte e Invalidez Permanente
- **Abertura de conta poupança** aos recém-nascidos na área de jurisdição desta Caixa
- **Elaboração de projectos** para obtenção de ajudas Comunitárias

**ATENDIMENTO PERSONALIZADO
NA RESOLUÇÃO DOS SEUS
PROBLEMAS**

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO

As melhores Taxas de Juro do Mercado

CONSULTE OS NOSSOS BALCÕES:

- Rua Luis Quaresma Vale do Rio-FIGUEIRÓ DOS VINHOS
- Rua José Carvalho - CABAÇOS -ALVAIÁZERE
- Rua Dr. José Jacinto Nunes - PEDRÓGÃO GRANDE